

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Felipe de Sousa Chaves

O SOFRIMENTO DO POVO DE DEUS E A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA: *Um
olhar teológico sobre a tribulação temporal e a esperança no reino definitivo*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SÃO PAULO

2025

Felipe de Sousa Chaves

O SOFRIMENTO DO POVO DE DEUS E A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA: *Um
olhar teológico sobre a tribulação temporal e a esperança no reino definitivo*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
BACHAREL em Teologia, sob orientação
do prof. Dr. Dayvid da Silva.

SÃO PAULO

2025

Felipe de Sousa Chaves

O SOFRIMENTO DO POVO DE DEUS E A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA: *Um olhar teológico sobre a tribulação temporal e a esperança no reino definitivo*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob orientação do prof. Dr. Dayvid da Silva.

Aprovado em: __/ __/ 2025

BANCA EXAMINADORA

Dr. Dayvid da Silva – PUCSp

Dr. Segundo Leitor – PUCSp

Dedico este trabalho ao Papa que marcou minha juventude e meus anos de formação em vista do ministério ordenado: o Papa Francisco, que retornou à casa do Pai na segunda-feira da Oitava da Páscoa do Senhor, no ano Santo de 2025.

AGRADECIMENTOS

“Vosso amor vale mais do que a vida,
e por isso meus lábios vos louvam” (Sl 62, 4).

Manifesto, em primeiro lugar, minha gratidão ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, que me conduziram em minha caminhada formativa, durante estes anos na faculdade de teologia. Certamente, a mão de Deus realizou em minha vida maravilhas (Lc 1, 49), e testemunharei isto durante os anos que o Senhor preparar para mim.

Louvo e bendigo a intercessão da Virgem Maria, Senhora de Aparecida, que olhou para as minhas orações e as conduziu ao Filho. Sem este auxílio materno, minha caminhada espiritual se reduziria a experiências incompletas na fé.

Agradeço aos meus formadores, na pessoa do meu bispo, Dom Edmilson Amador Caetano, que confiou em minha vocação. Assim como meu reitor, Padre Francisco Veloso Gonçalves Junior. Certamente, estes homens ouvirão do Rei dos céus: “Vinde, benditos de meu Pai. Recebei como herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo!” (Mt 25,34).

Proclamo louvores pela vida de meu pai, minha mãe e minha irmã: Sr. Otaviano, Sra. Maria Rosa e Sra. Aline. Pessoas próximas a mim que me formaram como uma pessoa capaz de olhar as necessidades dos outros. Além disso, agradeço aos meus irmãos de seminário: Caio, Erick, Junior, Luis e William. Durante os meses de realização deste trabalho, muito me ajudaram na partilha de vida.

Agradeço a vida de meus amigos e irmãos que o seminário me deu: Padre Edson Vitor e Leonardo Lopes. Certamente sem eles, a vida de seminário não seria a mesma: “Um amigo fiel é poderosa proteção: quem o encontrou, encontrou um tesouro. Um amigo fiel é um bálsamo de vida; os que temem o Senhor vão encontrá-lo” (Eclo 6,14.16).

Por fim, agradeço ao meu orientador: Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva, que me orientou durante a realização desta pesquisa; sem suas indicações, esta pesquisa não teria o resultado que teve. Além disso, agradeço à jovem Catarina Oliveira, estudante de Letras da UNIFESP, que dedicou algumas horas de seus dias para me indicar melhorias gramaticais neste trabalho. Ao Senhor, Deus bendito na eternidade, louvor e glória pelos séculos dos séculos.

*“Ofereci ao Senhor o sofrimento que se fez presente
na última parte da minha vida pela paz mundial e pela
fraternidade entre os povos.”*

Papa Francisco

RESUMO

CHAVES, Felipe de Sousa. **O Sofrimento do povo de Deus e a Esperança Escatológica**: Um olhar teológico sobre a tribulação temporal e a esperança no reino definitivo. p. 82. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2025.

O sofrimento é um estado de intensa aflição, frequentemente ligado a eventos que ameaçam a integridade de uma pessoa. Ele afeta as emoções, influencia as relações e deixa um impacto no corpo e na mente. Na teologia, entende-se o sofrimento como uma participação nos sofrimentos de Cristo. Ele não é benéfico em si mesmo, mas através dele, a pessoa pode dar sentido às suas tribulações temporais a partir da compreensão de que, em Cristo, o sofrimento é um modo de participação na Paixão do Senhor, como nos relata o apóstolo Paulo (Gl 2,20; 6,17). É possível observar também que os sofrimentos humanos ganham sentido com a virtude da esperança escatológica. Através da espera pelo dia definitivo do encontro com o Senhor, o crente encontra uma força motivadora para passar por sua dor. Notamos isso na vivência ordinária dos dias, na missão e na vida sacramental dos fiéis. A problemática desta pesquisa gira em torno das realidades de tribulação do povo de Deus e sobre como a virtude da esperança cristã na vida eterna contribui para a resistência às tribulações temporais. Assim, o objetivo central do presente trabalho é investigar como essa virtude, especificamente no reino definitivo, auxilia o ser humano neste processo de combate aos padecimentos. Nós nos propomos a desenvolver um levantamento de referências bibliográficas do Magistério da Igreja, do Concílio Ecumênico Vaticano II e de teólogos de nossa contemporaneidade, para, assim, alcançarmos o objetivo. Tais elementos servirão de auxílio para compreender, a saber: o sentido do sofrimento no campo teológico, a esperança cristã e sua relação com a escatologia, a relação entre a virtude da esperança escatológica e o sofrimento humano. Ao longo desta pesquisa, perceberemos que a esperança cristã na vida eterna é capaz de guiar e direcionar o povo de Deus em seus sofrimentos. Essa realidade manifesta-se, por exemplo, na busca pelos sacramentos, especialmente a unção dos enfermos. Essa espera pela vida eterna é capaz de dar sentido e resiliência ao cristão diante de seus sofrimentos.

Palavras-chave: Sofrimento. Esperança. Vida Eterna.

ABSTRACT

CHAVES, Felipe de Sousa. **The Suffering of God's People and the Eschatological Hope: A Theological Look at Temporal Tribulation and Hope in the Final Kingdom.** p. 82. Course Completion Work (Bachelor of Theology), Pontifical Catholic University of São Paulo, 2025.

Suffering is a state of intense affliction, often linked to events that threaten a person's integrity. It affects emotions, influences relationships, and leaves an impact on both body and mind. In theology, suffering is understood as a participation in the sufferings of Christ. It is not beneficial in itself, but through it, one can give meaning to temporary tribulations by understanding that, in Christ, suffering is a way of participating in the Passion of the Lord, as the apostle Paul tells us (Gl 2,20; 6,17). It is also possible to observe that human sufferings gain meaning through the virtue of eschatological hope. Through the anticipation of the definitive day of encounter with the Lord, the believer person finds a motivating strength to endure their pain. We notice this in the ordinary experience of daily life, in the mission, and in the sacramental life of the faithful. The central issue of this research revolves around the realities of tribulation experienced by the people of God and how the virtue of Christian hope in eternal life contributes to their endurance through temporal tribulations. The main objective of this work is to investigate how this virtue, specifically in regard to the definitive Kingdom, helps the human being in the process of confronting suffering. We propose to carry out a bibliographic survey of references from the Church's Magisterium, the Second Vatican Ecumenical Council, and theologians of our time, in order to achieve this objective. These elements will serve to help us understand the theological meaning of suffering, Christian hope and its relationship with eschatology, and the connection between the virtue of eschatological hope and human suffering. Throughout this research, we will see that Christian hope in eternal life is capable of guiding and directing God's people in their suffering. This reality is manifested, for example, in the search for the sacraments, especially the anointing of the sick. This expectation of eternal life can give meaning and resilience to the Christian in the face of suffering.

Keywords: Suffering. Hope. Eternal Life.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACN	Ajuda à Igreja que Sofre
CELAM	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento Final da V Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida
DI	Declaração <i>Dignitas Infinita</i> do Dicastério para a Doutrina da Fé.
DMD	Documento Final da II Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín
DPb	Documento Final da III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> do Concílio Vaticano II
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> do Papa Francisco
GE	Exort. Ap. <i>Gaudete Et Exsultate</i> do Papa Francisco
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> do Concílio Vaticano II
LD	Exort. Ap. <i>Laudate Deum</i> do Papa Francisco
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> do Papa Francisco
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> do Concílio Vaticano II
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i> do Papa Francisco
SB	Carta <i>Samaritanus Bonus</i> da Congregação para Doutrina da fé
SC	Constituição Conciliar <i>Sacrosanctum Concilium</i> do Concílio Vaticano II
SCa	Exort. Ap. pós-sinodal <i>Sacramentum Caritatis</i> do Papa Bento XVI
SD	Carta Ap. <i>Salvifici Doloris</i> do Papa João Paulo II
SnC	Bula de Proclamação do Jubileu <i>Spes Non Confundit</i> do Papa Francisco
SRS	Carta Encíclica <i>Sollicitudo Rei Socialis</i> do Papa João Paulo II
SS	Carta Encíclica <i>Spe Salvi</i> do Papa Bento XVI

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS QUESTÕES DO SOFRIMENTO HUMANO	14
1.1 Distintas maneiras de compreender o sofrimento humano	14
1.1.1 Distinção entre dores e sofrimentos	15
1.1.2 A noção do sofrimento no campo filosófico e da psicologia positiva	16
1.1.3 O sofrimento humano pode ter um sentido?.....	17
1.2 A compreensão do sofrimento humano na vida cristã: Os sofrimentos de Cristo e do cristão	19
1.3 Tribulações do povo de Deus: algumas realidades que os angustiam na contemporaneidade	24
1.3.1 As tribulações que atingem os povos no contexto atual.....	25
1.3.2 As tribulações na vida do povo: uma questão que interessa à Igreja.....	27
1.3.3 As crises ecológicas também colaboram para as tribulações humanas.....	29
2 A ESPERANÇA: UM OLHAR TEOLÓGICO PARA A VIRTUDE NA VIDA DO POVO DE DEUS	33
2.1 Sobre a virtude da esperança	33
2.1.1 Sobre a condição do desespero humano	35
2.2 A Esperança na esfera eclesial: Concílio Vaticano II e Conferências Episcopais Latino-Americanas	36
2.2.1 A esperança nas constituições do Concílio Ecumênico Vaticano II.....	37
2.2.2 As questões da esperança nas Conferências Latino-Americanas.....	39
2.3 Esperança e escatologia: Relação entre a esperança cristã com o Reino de Deus	44
2.3.1 A ideia de Ressurreição	45
2.3.2 Do que se trata o Reino de Deus?	46
2.3.3 A Esperança do cristão na Vida Eterna	50
3 O SIGNIFICATIVO PAPEL DA ESPERANÇA NO REINO DE DEUS EM MEIO ÀS TRIBULAÇÕES HUMANAS	53

3.1 A esperança cristã como uma resposta ao mistério do sofrimento humano	53
3.1.1 A esperança cristã nas tribulações: perspectiva paulina	54
3.1.2 O sofrimento humano enquanto “lugar” de adquirir esperança na Vida Eterna	57
3.2 Sofrimento e esperança na vida sacramental da Igreja	61
3.2.1 Sofrimento e Esperança: Sacramento da unção dos enfermos.....	64
3.2.1.1 <i>A vivência das enfermidades com esperança a partir do coping religioso espiritual</i>	<i>67</i>
3.3 Peregrinos de Esperança: Sofrimento e esperança no ano Jubilar.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

A vida do povo de Deus é marcada pela espera: “Todos esperaram” (SnC, n. 1). A expectativa por algo ou por alguém faz parte da existência humana. No entanto, além da espera, há outra realidade inevitável que afeta diretamente a vida: o sofrimento. Em algum momento, todos enfrentam adversidades, seja por crises físicas ou mentais, seja pelas vulnerabilidades existenciais. O sofrimento é uma experiência universal.

Em vista disso, vemos a oportunidade de desenvolver nesta pesquisa um caminho de reflexão que aproxime essas realidades antagônicas: esperança e sofrimento humano. A indagação sobre as tribulações se tornou ainda mais presente no dia a dia do homem contemporâneo, por conta de guerras que afetaram — e ainda afetam — populações inteiras, seja por causa do sofrimento causado por tragédias naturais ou sanitárias, tal como a pandemia da Covid-19, ou ainda por outras tantas situações que geram perguntas sobre a razão de tamanho sofrimento.

Entretanto, o sofrimento não representa o fim último da existência. A virtude escatológica da esperança cristã oferece uma perspectiva capaz de conferir sentido e resiliência diante das adversidades. A esperança própria da fé cristã não se limita a um consolo momentâneo, mas é uma forma de peregrinação nesta vida, orientando os fiéis para a expectativa de uma realidade definitiva: o encontro com Deus.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de um aprofundamento teológico sobre os sofrimentos humanos. A teologia, assim como outras áreas do conhecimento, busca compreender e dar sentido às tribulações da humanidade. Nesse sentido, este estudo se propõe a investigar como essa esperança pode iluminar e fortalecer a vida dos cristãos inseridos nas comunidades eclesiais, oferecendo respostas a suas inquietações e angústias.

Além disso, a pesquisa se insere no contexto do Ano Jubilar de 2025, cujo tema central é a esperança cristã. A investigação sobre a esperança é fundamental para a vida eclesial pois é um meio de dar sentido às questões do povo de Deus, sendo assim, é possível encontrar nessa virtude um caminho de significar as aflições dos fiéis batizados que se inserem em nossas comunidades.

A questão que norteia nossa pesquisa e pretendemos responder é a seguinte: diante das realidades de tribulações e sofrimentos do povo de Deus, como a virtude

da esperança cristã na vida eterna contribui para o povo a resistir às tribulações temporais?

A hipótese levantada por nós é que a espera do reino definitivo garante ao povo de Deus encontrar motivações e resiliência nas tribulações temporais e vigor para alimentar uma esperança que ultrapasse as dificuldades do aqui e do agora.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como a virtude da esperança cristã, especificamente no reino definitivo, auxilia o ser humano em seus processos de sofrimentos e tribulações temporais, seja na missão ou na vida particular. Traçamos como objetivos específicos os seguintes: em primeiro lugar, pretendemos analisar a realidade dos sofrimentos temporais e as diferentes formas de tribulações enfrentadas pelo povo de Deus, as comunidades eclesiais e a criação, nossa casa comum; nosso segundo objetivo é investigar o papel da virtude da esperança na vida cristã e a sua relação com a dimensão escatológica; e nosso terceiro objetivo é avaliar os impactos da esperança no reino definitivo no modo pelo qual o povo de Deus enfrenta as tribulações temporais.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de natureza bibliográfica e fundamenta-se em textos do Magistério da Igreja, como as encíclicas *Salvifici Doloris* (João Paulo II), *Spe Salvi* (Bento XVI) e *Spes Non Confundit* (Francisco), bem como nas constituições do Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*. Além disso, a obra "Teologia da Esperança" de Jürgen Moltmann desempenha um papel fundamental na construção teórica do estudo, juntamente com os verbetes do Dicionário de Paulo e suas cartas.

O presente trabalho é dividido em três seções: a primeira discorre sobre as questões dos sofrimentos humanos. O sofrimento é uma realidade vasta e complexa, além de ser objeto de estudo de diversas áreas de pesquisa, como a filosofia, a psicologia e a antropologia. A teologia também tem sua contribuição sobre este assunto, buscaremos evidenciar as noções teológicas do sentido do sofrimento humano; logo após, investigaremos as realidades em que o sofrimento aparece para o povo de Deus e para as comunidades eclesiais. Em vista dos problemas ecológicos do nosso tempo, dedicaremos um trecho sobre os sofrimentos que os problemas ecológicos podem gerar às populações, isto é, as crises ecológicas também colaboram para o sofrimento.

Na segunda seção, abordaremos a virtude da esperança cristã. As constituições conciliares apresentam duas formas de vivenciá-la: na expectativa da

glória futura e na construção de um presente mais justo e solidário. Embora a esperança esteja ligada ao compromisso com a transformação do mundo, este estudo enfatiza seu aspecto escatológico, analisando sua relação com a vida eterna.

Por fim, na terceira seção abordaremos a relação entre a virtude da esperança na vida eterna e as realidades de sofrimento do povo de Deus. A virtude da esperança escatológica é um modo pelo qual o povo se torna apto a lidar com suas tribulações. Isso fica evidente na figura do apóstolo Paulo, ele viveu seus padecimentos com esperança na glória futura: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18). Além disso, buscaremos evidenciar essa relação na vida sacramental da Igreja, uma vez que os sacramentos possuem um caráter escatológico e auxiliam o povo em seus sofrimentos. Em vista da relevância do tema, consideraremos também o Ano Jubilar de 2025 e sua relação com os objetivos desta pesquisa.

1 AS QUESTÕES DO SOFRIMENTO HUMANO

Neste capítulo abordaremos, de modo breve e sintético, as diversas formas de enxergar os sofrimentos da vida. Em outras palavras, como os outros campos do saber, além do campo teológico, entendem essa realidade de sofrimento humano e como eles a classificam na existência. Para isso, trataremos sobre algumas visões clínicas e fisiológicas, sobre visões filosóficas e, por fim, sobre um modo de encarar o sofrimento de maneira otimista, isto é, seria possível dar sentido aos sofrimentos de uma pessoa? Nas adversidades da vida, o ser humano é capaz de mudar sua visão sobre a tribulação que sente?

Logo em seguida, nos voltaremos para o campo teológico: como entender os sofrimentos da vida a partir de uma visão cristã. Com base em alguns autores, refletiremos como o povo de Deus é chamado a entender as tribulações da vida. Por fim, apresentaremos algumas realidades de sofrimento enfrentadas pelas comunidades eclesiais e pelas pessoas.

As abordagens apresentadas neste capítulo são fundamentais para a presente pesquisa, pois, ao compreendermos as tribulações e sofrimentos vividos pelo ser humano, poderemos construir uma base sólida para compreender a aplicação da virtude da esperança cristã voltada para a vida eterna. Diante das dores concretas que atingem tanto as comunidades quanto as pessoas em particular, seria possível encontrar um sentido e uma forma de resiliência que lhes permita viver com dignidade mesmo em meio à dor? Esse sentido pode entrelaçar-se com a esperança na salvação e na promessa da vida eterna?

1.1 Distintas maneiras de compreender o sofrimento humano

A vida humana é marcada pelos sofrimentos e adversidades, porém o ser humano é capaz de refletir sobre sua realidade de dor e sobre o modo de lidar com a situação. Aqui, abordaremos algumas maneiras de compreender o sofrimento e os modos de dar resposta a essas tribulações da vida. Certamente, ninguém escolhe sofrer, mas é possível escolher responder de maneira otimista às crises que atravessam a vida humana.

1.1.1 Distinção entre dores e sofrimentos

Dor e sofrimento são coisas distintas, todavia, ambas as realidades se comunicam. Segundo Clara Oliveira, o corpo humano compreende a dor “como sinal fornecido por tecidos corporais alterados. A dor existe sempre como manifestação de alterações fisiológicas, cuja causa técnicas auxiliares de diagnóstico usualmente identificam” (Oliveira, 2016, p. 226). A sensação da dor é algo que acontece no corpo da pessoa e possui diversos graus, uma dor pode ser leve, moderada ou severa. A dor pode atingir tanto a parte fisiológica da pessoa, como o lado psicológico, social e espiritual (Oliveira, 2016, p. 226-227).

No que diz respeito às dores de ordem psicológica, Oliveira afirma:

Muito do que atormenta essas pessoas refere-se a culpa, frustração e impotência perante situações que viveram no passado ou que gostariam de viver no futuro. Assegurar que aqueles que amam se encontram bem e que possuem meios para continuar vivendo bem no futuro é outra das grandes preocupações, assim como o possível propósito ou sentido de sua dor, ou seu direito, ou não, à eternidade (Oliveira, 2016, p. 227).

Logo, o ser humano tende a vivenciar uma experiência de dor em sua existência, seja uma doença, uma angústia psíquica, uma realidade que o aflija no campo social ou alguma incerteza no campo espiritual.

Uma vez que a dor consiste em uma manifestação que atinge o ser humano, o sofrimento possui uma realidade vasta e complexa, que supera a noção básica de dor. Segundo Fátima Conte, tribulações e sofrimentos são muito mais do que as dores, as dores são apenas uma parcela dos sofrimentos (Conte, 2010, p. 385).

Do ponto de vista clínico, o sofrimento pode ser compreendido como:

Um estado de aflição severa, associado a acontecimentos que ameaçam a integridade (manter-se intacto) de uma pessoa. Sofrimento exige consciência de si, envolve as emoções, tem efeitos nas relações pessoais da pessoa, e tem um impacto no corpo. Essa situação existencial de aflição grave verifica-se naquilo que a pessoa identifica com seu interior, usualmente associado a emoções, como ansiedade, e a sentimentos, como tristeza, frustração, impotência etc. O fato de tratar-se de vivência interior torna possível que não seja sempre detectável por um observador (Oliveira, 2016, p. 228).

Dessa forma, o sofrimento humano deve ser compreendido como algo distinto da dor, e é caracterizado pelos acontecimentos ou fatores que atingem parte da

existência humana, seja na dimensão corporal, como uma doença; seja na dimensão psíquica, como os casos de transtornos; até mesmo as condições sociais podem ser geradoras de sofrimento, como uma realidade de pobreza, injustiças ou algo semelhante.

1.1.2 A noção do sofrimento no campo filosófico e da psicologia positiva

A filosofia é uma área do saber que reflete de modo profundo sobre a realidade dos sofrimentos humanos. Segundo algumas correntes filosóficas, o sofrimento deve ser entendido como a privação de um bem, a mudança de um estado positivo para um estado negativo.

O sofrimento deve ser associado a algo que prejudique o ser humano. Com ele, o homem aprecia sua finitude e encontra meios para avançar a uma maturidade interior, desde que ele dê propósito à sua dor. Essa realidade, além de conduzir o homem ao conhecimento de sua finitude, o direciona também para a compreensão de suas incapacidades e de sua dependência de outro ser humano. Uma vez que a pessoa se encontra em um estado físico ou psíquico que o torna incapaz de viver uma vida na liberdade, ele necessita de alguém para lhe oferecer aquilo que é básico e essencial (Brugger, 1977, p. 390).

Baseado no pensamento de Søren Kierkegaard (1813-1855), filósofo e pai do existencialismo, Marcos da Silva, doutor em Filosofia, diz o seguinte:

[...] sofrer é compreender a profundidade das coisas, limitando o esquecimento de si mesmo, e é ao mesmo tempo, o modo da compreensão de si, sabendo que o aprofundamento das coisas não se dá somente no próprio sofrimento (no *pathos*¹), mesmo que seja o *pathos* o meio pelo qual o homem pode chegar a compreender a si mesmo (Silva, 2011, p. 95).

Essas noções filosóficas que qualificam o sofrimento como uma realidade palpável ao homem não compreendem o todo da filosofia. Há correntes, como o hedonismo, que afirmam que “os preceitos éticos são apenas regras empíricas prudentemente traçadas, mediante as quais o homem fica defendido, o mais possível,

¹ “Paixão – a palavra dinamarquesa *Lidenskab* (paixão) traduz, do ponto de vista etimológico, o grego *pathos*; esses dois termos são, em parte, sinônimos. Assim como o *pathos*, a paixão comporta dois momentos: o homem sofre, mas exprime e conserva, ao mesmo tempo, aquilo que provoca o seu sofrimento” (Silva, 2011, p. 95).

contra os sentimentos de desprazer e permanece aberto às alegrias da vida” (Brugger, 1977, p. 205). Isto é, o ser humano que não se insere na via dos prazeres da vida não pode alcançar a plenitude da felicidade, e os sofrimentos, angústias ou dores impedem essa busca pelo prazer, logo, o sofrimento deve ser evitado diante de qualquer situação.

Além das propostas hedonistas, a corrente de psicologia positiva também se insere nessa realidade de valorização da positividade e do prazer, pois, segundo Byung-Chul Han, “a psicologia positiva tenta ocupar-se exclusivamente do bem-estar e a felicidade [...] segundo a psicologia positiva, cada um é o único responsável por sua própria felicidade” (Han, 2024, p. 18-19). Neste contexto, existe um culto à positividade, que gera na pessoa uma culpa diante do mau momento. Segundo Han, essa corrente entende o sofrimento humano como um problema para alcançar a felicidade e o deleite.

A filosofia contribui para essa discussão, pois ela elabora distintas maneiras de pensar e encarar as realidades dos sofrimentos da vida humana: seja através de um positivismo da vida, que insere a felicidade como única via necessária de vida, seja propondo modos de pensar o sofrimento como uma via de compreender a realidade existencial, uma vez que os padecimentos são inevitáveis.

1.1.3 O sofrimento humano pode ter um sentido?

Conforme fora apresentado, o sofrimento é uma realidade humana interligada às dores da vida, de grau fisiológico ou psíquico, social ou moral. Diante disso, surge um questionamento, o ser humano, diante de suas dores, deve se curvar e vivenciar o seu padecimento como um desastre ou um caos? Ou mesmo diante das suas tribulações, temporárias ou definitivas, ele é capaz de viver seu sofrimento de maneira frutífera?

Sobre essa possibilidade de dar sentido aos sofrimentos da vida, o Papa João Paulo II, em sua carta apostólica *Salvifici Doloris*, vai nos dizer o seguinte:

A dor, como é óbvio, em especial a dor física, encontra-se amplamente difundida no mundo dos animais. Mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória (SD, n. 9).

Uma tendência do homem ao deparar-se com a realidade de sofrimento é questionar as razões pelas quais o sofrimento o atinge, essa questão surge como uma busca de sentido para aquela dor (SD, n. 9). O pensamento do psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1905-1997) propõe maneiras de refletir sobre o sentido da vida humana e sobre a possibilidade de dar sentido à tribulação, seja de cunho físico-biológico, mental, social ou espiritual.

O sentido da vida humana, antes de tudo, deve ser compreendido como uma maneira única de dar forma a determinadas situações da vida. Uma pessoa que vive uma vida com sentido é aquela que tende a se colocar a serviço a cada instante e a se confrontar com a sua realidade, seja ela favorável ou não, além de que o sentido assume um caráter ligado aos valores do homem (Längle, 1992, p. 60). De acordo com Frankl:

(...) o ser humano não encontra sentido somente por meio de seus feitos, seus trabalhos e de sua criatividade, mas também por meio de suas experiências, de seus encontros com o que é verdadeiro, bom e belo no mundo e, por último, mas não menos importante, em seu encontro com outros seres humanos e suas qualidades únicas (Frankl, 2020, p. 34).

Frankl propõe que todas as situações da vida podem ter um sentido. O sentido é uma realidade alcançável para todos e pode ser encontrado em qualquer circunstância. A visão do psiquiatra de que os sofrimentos da vida podem ter um sentido não é uma panaceia, não é um modo de viver como um masoquista, e muito menos uma autoajuda, mas uma visão que demonstra a capacidade humana de significar as tribulações da vida (Frankl, 2020, p. 36).

O sentido que encontramos frente a uma situação adversa e de sofrimento acontece a partir de uma mudança de mentalidade. Aquilo que Frankl compreendeu por sentido é uma missão pessoal, e somente pessoal, já que apenas o sujeito é capaz de responder a uma tragédia de maneira otimista. Na concepção de Frankl há uma “onipresença do sentido”, e isso se impõe como uma afirmação radical pela vida, se opondo a qualquer experiência trágica (Pereira, 2021, p. 121).

A tese de Frankl enfatiza que o sofrimento inevitável pode ganhar uma força motivadora que faça o ser humano lutar para enfrentar o seu padecimento, isto é, em meio às doenças, ao abandono, ao luto e às desesperanças, o ser humano é o único capaz de reverter seu quadro de padecimento para um quadro de sentido, de esperança. Segundo Pereira:

O *homo patiens*² é um ser humano que ousa e sabe sofrer, isto é, aquele que consegue transformar seu sofrimento em numa conquista, numa realização humana. Aqui vemos a ênfase de Frankl na tese da onipresença do sentido, que, exatamente por ser incondicional, também existe para além do criar e do amar (Pereira, 2021, p. 122).

Em poucas palavras, nos damos conta de que a tragédia tende a surgir na vida do ser humano. Mas o homem, sendo um ser livre para confrontar essas situações, pode encontrar sentido em seu sofrimento. O homem, naturalmente, é um ser sofredor, mas quando toma uma decisão ousada de não se entregar aos sofrimentos inevitáveis, consegue encontrar algo de verdadeiro em sua existência.

Essas afirmações sobre a capacidade humana de significar sua própria dor contribuem para essa pesquisa, pois, o sofrimento humano pode ter uma razão que faça a pessoa não se entregar à dor, isto é, em meio às tribulações, é possível ressignificar o sofrimento. Os padecimentos da vida experimentado com sentido podem ser convertidos em esperança.

1.2 A compreensão do sofrimento humano na vida cristã: Os sofrimentos de Cristo e do cristão

Sob a perspectiva teológica, notamos que o sofrimento humano é constantemente associado a algum mal na vida do padecente. Segundo o Papa João Paulo II:

Pode-se dizer que o homem sofre, quando ele experimenta um mal qualquer. A relação entre sofrimento e mal, no vocabulário do Antigo Testamento, é posta em evidência como identidade. Com efeito, este vocabulário não possuía uma palavra específica para designar o «sofrimento»; por isso, definia como «mal» tudo aquilo que era sofrimento» (SD, n. 7).

Na obra de Lepargneur (1985, p. 50) sobre a antropologia do sofrimento, ele afirma que a religião, de modo geral, visa com supremo esforço esclarecer os modos de eliminar ou de apaziguar o mal do sofrimento da vida humana. Isto porque o

² Conceito que Viktor Frankl entende como a pessoa que opta em significar sua experiência de dor, ou seja, aquele que opta pela vida apesar da tragédia (Pereira, 2021, p. 121).

sofrimento é uma percepção humana de entender que deveria ter um bem, mas por alguma razão não o tem (SD, n. 7).

Constantemente, vemos esta relação do sofrimento do homem com pecado cometido. Na cura do cego de nascença, os discípulos de Jesus Cristo o questionam: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que ele nascesse cego?” (Jo 9,2). Ou seja, segundo a compreensão deles, o sofrimento do homem nascido cego era consequência de algum pecado, seu ou de seus pais.

Na carta *Salvifici Doloris*, o Papa João Paulo II explicita esse pensamento voltando-se para a situação de Jó. Os sofrimentos são compreendidos como uma forma de castigo de Deus para as faltas cometidas pelo homem, já que Deus é o legislador e o Juiz. Assim sendo, com o pecado do homem, Deus envia uma pena para que ele possa justificar o mal cometido, essa também é a visão dos amigos de Jó: “Aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que o colhem, ao sopro de Deus perecem” (Jó 4,8-9a). Dentro dessa abordagem, Jó recebe tais sofrimentos pois teria cometido algum mal contra o seu Deus (SD, n. 10).

Porém, o que vemos no livro de Jó é uma espécie de sofrimento inocente:

Ele, efetivamente, tem consciência de não ter merecido semelhante castigo; e, por outro lado, vai expondo o bem que praticou durante a sua vida. Por fim, o próprio Deus desaprova os amigos de Jó pelas suas acusações e reconhece que Jó não é culpado. O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério, que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência (SD, n. 11).

O livro de Jó mostra que o sofrimento não está ligado a uma culpa moral ou a uma punição divina à pessoa, mas, teologicamente, pode estar ligado a uma espécie de prova (SD, n. 11).

Sob essa perspectiva de Jó, o sofrimento pode ser visto como uma teofania, já que Deus não abandona aquele que está vivenciando o sofrimento, uma vez que o próprio Filho passou pelo sofrimento (Andrade, 2011, p. 11). Nessa linha de pensamento, podemos entender que o sofrimento dentro do campo teológico possui um elo com o amor Divino e com os sofrimentos de Cristo. Segundo João Paulo II, o amor divino é a fonte do sentido do sofrimento na perspectiva cristã (SD, n. 13). Aíla Andrade complementa essa reflexão ao afirmar que:

A teologia poderá não ter uma explicação para o sofrimento, a dor e o mal, como também o autor de Jó no final do livro. Mas, sua palavra

será um apelo em favor dos crucificados desse mundo, para que tenham esperança e visão mais ampla do seu próprio sofrimento. Quando a dor for consequência da injustiça, a teologia será profecia, instrumento do Reino e de vida plena. A teologia será um convite a que todo sofredor descentralize-se do próprio eu e faça aquela abertura kenótica que possibilita o encontro com o Deus compassivo, pois a cruz de Cristo revela uma compaixão em Deus (Andrade, 2011, p. 14).

O sofrimento humano dentro do campo teológico possui uma ligação com o amor Divino, pois o Filho, em sua encarnação e em seus sofrimentos, nos ensinou que o amor é a principal fonte para as nossas dúvidas sobre o sentido dos padecimentos, “esta resposta foi dada por Deus ao homem, na Cruz de Jesus Cristo” (SD, n. 13).

Os sofrimentos de Jesus Cristo não são episódios isolados nos Evangelhos, mas existe uma certa constância em retratar esses acontecimentos. É notório observar que Jesus Cristo assume para si voluntariamente os padecimentos que sua missão acarreta (Gerstenberger; Schrage, 1987, p. 135). Durante sua vida pública, Cristo experimentou o cansaço (Jo 4,6), a falta de uma casa (Lc 9,58), a incompreensão (Jo 1,10-11), a solidão (Mc 15,34), a hostilidade (Mt 12,14), a angústia (Lc 22,44), além das dores e padecimentos físicos com a flagelação e crucificação (Mt 27,26-31; Mc 15,15-20; Lc 23,33; Jo 19,1-18).

Porém, mesmo em meio aos diversos sofrimentos que sua missão proporcionou, Ele não se esquivou de enfrentá-los. Quando Pedro o defende dos algozes, Jesus Cristo o repreende e responde com as seguintes palavras: “Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,11b). O Papa João Paulo II diz: “Cristo encaminha-se para o próprio sofrimento, consciente da força salvífica deste; e vai, obediente ao Pai e, acima de tudo, unido ao Pai naquele mesmo amor, com o qual Ele amou o mundo e o homem no mundo” (SD, n. 16).

O fato de que Jesus Cristo acolheu os sofrimentos em sua vida nos demonstra que os mesmos possuíam um caráter expiatório referentes aos pecados do gênero humano, mas não somente isso, seus padecimentos possuem um sentido de solidariedade por parte do Criador, já que eles são livres e solidários (Ferraro, 2004, p. 130).

O padre Benedito Ferraro, especialista na área de Cristologia, afirma que a teologia latino-americana vê os padecimentos de Jesus Cristo como um grande ato libertador, pois em Cristo tudo é expressão de solidariedade e liberdade em favor do

ser humano. Libertar significa pagar um resgate, para que a pessoa possa retornar ao caminho da liberdade (Ferraro, 2004, p. 134-135).

Por conta dessas características libertadoras e de solidariedade dos padecimentos de Jesus Cristo, São Paulo diz na carta aos Gálatas: “me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). Isto é, as tribulações de Jesus Cristo são sinais da manifestação do amor do Filho à humanidade, pois elas libertam, expiam os pecados e salvam o homem.

Agora, uma vez explicitado que o próprio Jesus Cristo experimentou os sofrimentos, ainda nos resta a questão: Como aqueles que vivem a experiência do discipulado a Jesus são chamados a viver os sofrimentos em suas vidas? A teologia paulina nos dá uma excelente base para compreender essa questão. O apóstolo diz:

Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos, trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo. Não vos escrevo tais coisas para vos envergonhar, mas para vos admoestar como a filhos bem-amados (1Cor 4,11-14).

Esta passagem relatada por Paulo demonstra as grandes tribulações enfrentadas pelo apóstolo, porém demonstra também que, por causa de Cristo, o discípulo deve atualizar em sua vida essa experiência de padecimento. Podemos notar que a fortaleza do apóstolo consiste na obra de Deus que não o abandona em meio às cruzes, estes padecimentos paulinos consistem em uma atualização dos sofrimentos de Cristo (Barbaglio, 2017, p. 433).

Giuseppe Barbaglio, doutor em Sagradas Escrituras pela Universidade Gregoriana, favorece essa temática dos padecimentos do apóstolo, afirmando:

Na realidade, desse modo ele revive em sua vida mortal a morte de Jesus. Não se trata de mera imitação externa, mas de verdadeira participação. Sobre a cruz, Cristo experimentou a impotência mais radical. O apóstolo, numa vida apostólica de renúncias, atualiza o escândalo da cruz, incompreensível para aqueles que promovem o culto religioso da força e do triunfo. Mas para ele, que na fé possui a consciência de estar em comunhão com o Crucificado, sua vida crucificada não está desprovida de significado positivo [...] É a lógica paradoxal da cruz de Cristo que marca indelevelmente o apóstolo: da morte nasce a vida (Barbaglio, 2017, p. 433).

Na experiência de Paulo, os sofrimentos assumem um caráter de participação, isto é, o discípulo deve enxergar os seus padecimentos como um modo de participar

da paixão de Jesus Cristo (Col 1,24). Assim dizendo, uma vez que os sofrimentos podem atingir o Senhor, também podem atingir os discípulos do Senhor. Contudo, os sofrimentos dos discípulos não precisam, necessariamente, assumir a forma do duro martírio de Cristo na cruz, mas as tribulações diárias que a vida proporciona são traços e vínculo com o martírio de Jesus Cristo (Gerstenberger; Schrage, 1987, p. 146).

Podemos acrescentar também que existe uma resposta cristã em relação aos sofrimentos presentes no mundo, que diz respeito à solidariedade e ao compromisso com a humanidade sofredora. A Igreja se compadece e sofre junto com os seus sofredores, isto é, em meio aos sofrimentos do cristão, resta-nos permanecer juntos em suas dores (Aguar, 2019, p. 16).

Portanto, o sentido pelo qual o cristão padece em sua caminhada possui uma forte ligação com essa temática paulina, de associar os sofrimentos e padecimentos da vida ordinária aos sofrimentos de Jesus Cristo, conforme diz o apóstolo: “nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo” (Rm 12,5). Isso significa que, em Jesus Cristo, estamos em um laço de unidade, Ele é a cabeça e nós somos os membros (1Cor 12,12). Nosso objetivo, contudo, não é supervalorizar o sofrimento humano ou uma espécie de apologia aos sofrimentos, mas encontrar um sentido, dar uma razão para enfrentar a realidade de dor, encontrar um porquê.

A constituição dogmática *Lumen Gentium* complementa essa temática dizendo o seguinte:

Todos quantos se vêem oprimidos pela pobreza, pela fraqueza, pela doença ou tribulações várias, e os que sofrem perseguição por amor da justiça, saibam que estão unidos, de modo especial, a Cristo nos seus sofrimentos pela salvação do mundo (LG, n. 41).

Para enriquecer ainda mais este assunto, apresentamos outra perspectiva que nos ajuda a pensar a questão dos sofrimentos de Cristo e do cristão, tendo como base o pensamento de Jürgen Moltmann (1926-2024), renomado teólogo reformado. Moltmann contesta o conceito grego de “Deus apático”, isto é, o Deus que é incapaz de sofrer. Na filosofia grega, pensar na realidade de um Deus sofredor significa reduzir a imagem de Deus, além de que isso apresentaria um Deus finito, isto é, os sofrimentos não devem se aplicar a Deus (Aguar, 2019, p. 14).

Essa ideia de apatia divina era uma virtude para os gregos, pois implicava não apenas ausência de sofrimento pessoal, mas também indiferença ao sofrimento alheio, logo, o Deus apático era repleto de uma liberdade, pois ele livrou os outros de

si mesmo (Aguiar, 2019, p. 111). Para contrariar essa noção de Deus apático, Moltmann argumenta a respeito de um Deus simpático. Em Jesus Cristo, Deus sofre com os sofrimentos humanos:

Ele desceu à terra por compaixão pelo gênero humano. Ele sofreu os nossos sofrimentos, antes de padecer na cruz, e antes de dignar-se a assumir a nossa carne, pois se não tivesse sofrido (antes) não teria entrado na condição da vida humana. Primeiro sofreu, depois veio a nós e tornou-se visível. Qual é o sofrimento que padeceu por nós? É o sofrimento do amor. [...] Assim Deus assume a nossa condição, do mesmo modo que o Filho de Deus assume a nossa dor. O próprio Pai é impassível. Quando é invocado, ele se compadece e compartilha do sofrimento. Ele padece do sofrimento do amor, passando a ser o que não pode pela magnitude da sua natureza, e suporta por nosso amor o humano padecimento (Moltmann, 2014, p. 38).

Dentro do pensamento do autor, Deus sofre porque ama, porque sente, e porque isso faz parte dos seus atributos, participa da dor humana, portanto ele é um Deus simpático, já que está presente nos sofrimentos humanos (Aguiar, 2019, p. 120). Nesta perspectiva, os sofrimentos de Jesus Cristo possuem uma ligação com o amor Divino, os sofrimentos d'Ele são manifestações do seu amor para com a humanidade.

Assim sendo, Jesus Cristo participa dos sofrimentos humanos e nós nos unimos a Cristo em seus sofrimentos, nessa relação existe um vínculo de unidade entre ambas as realidades.

1.3 Tribulações do povo de Deus: algumas realidades que os angustiam na contemporaneidade

O sofrimento é uma realidade vasta e presente na vida do povo e das comunidades eclesiais, ele se apresenta nas situações de: pobreza, de miséria, em preconceitos e discriminações, nas violências, nos abandonos, nas solidões da vida, na perda de sentido e em uma depressão e outros transtornos (Aguiar, 2019, p. 9).

Como afirma Byung-Chul Han, “somos permanentemente confrontados com cenários apocalípticos: pandemia, guerra mundial e catástrofes climáticas. O fim do mundo ou o colapso da civilização humana são invocados com premência cada vez maior” (Han, 2024, p. 9).

É das tribulações que ecoam os diversos gritos – silenciosos ou silenciados – de dores e lamentos, e muitas vezes de protesto contra Deus ou de apelo à Deus. Através dos sofrimentos humanos que ocorrem algumas das mais profundas experiências de comunhão com Cristo, pois ele tende a colocar o sofredor em crise e purificar sua imagem de Deus. Portanto, o sofrimento deve ser entendido como um lugar teológico³ (Aguiar, 2019, p. 10).

A partir deste ponto de nossa pesquisa, abordaremos algumas das situações de tribulações vivenciadas pelas pessoas e por diversas realidades, além de observarmos as tribulações das comunidades cristãs em suas peregrinações terrestres. Apresentaremos essas situações de modo breve e sintético, sem aprofundar em nenhuma realidade específica, mas buscando oferecer um panorama geral de alguns casos. Para isso, nossa principal fonte será o Santo Padre, Papa Francisco, uma das vozes proféticas de nossa contemporaneidade.

1.3.1 As tribulações que atingem os povos no contexto atual

Logo no início da constituição pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, lemos o seguinte:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos (GS, n. 1).

O sofrimento é parte da existência de todo ser humano, e conforme a *Gaudium Et Spes* afirma, a Igreja olha para todos os sofredores como participantes nos sofrimentos de Cristo, com convicção de que seus sofrimentos não de se reverter em esperança. E por isso “a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS, n. 1).

³ “A teologia* (t.) católica dá o nome de lugares teológicos aos diversos domínios a partir dos quais o conhecimento teol. pode elaborar seu saber ou às diversas fontes nas quais se inspira: a Escritura*, a tradição, os Padres*, o magistério*, a liturgia* etc” (Lacoste, 2014, p. 1055).

Diante de tal realidade, neste ponto de nossa pesquisa, propomos refletir a respeito de alguns sofrimentos atuais que atingem o povo de Deus e as pessoas em geral. Muitos são os dramas atuais que poderiam ser contemplados aqui, no entanto será suficiente demonstrar que as tribulações acontecem em nosso tempo.

Um primeiro drama de nosso tempo que queremos analisar é a pobreza. O Papa João Paulo II escreve:

Uma das maiores injustiças do mundo contemporâneo consiste precisamente nisto: que são relativamente poucos os que possuem muito e muitos os que não possuem quase nada. É a injustiça da má distribuição dos bens e dos serviços originariamente destinados a todos (SRS, n. 28).

A pobreza é um sofrimento porque é marcada pela carência de recursos para se obter uma sobrevivência digna, ou seja, a pessoa vive de tal forma que não encontra meios para seu sustento. Além de situações de indiferença por aqueles que estão ao seu lado (DI, n. 36). Outro drama gerado pela pobreza é a carência de direitos básicos na vida social, aquele que não possui recursos tende a ser excluído da vida pública e não tem facilidades na participação da construção da sociedade. Ou seja, a pessoa que vive nesse estado não possui apenas desafios econômicos, mas também culturais, políticos e humanos (SRS, n. 15).

Não podemos deixar de mencionar também outra tragédia que gera sofrimento em nossos tempos: as guerras. Na encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco afirma:

As guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas afrontas contra a dignidade humana são julgados de maneira diferente, segundo convenham ou não a certos interesses fundamentalmente econômicos: o que é verdade quando convém a uma pessoa poderosa, deixa de o ser quando já não a beneficia (FT, n. 25).

As guerras ferem as pessoas em curto e longo prazo, em outras palavras, uma guerra nunca resolve um problema, apenas desenvolve novos (DI, n. 38). Ela tende a gerar no coração dos seres humanos apenas feridas, e não somente físicas, mas sociais, mentais, morais, entre outras. O Papa João Paulo II diz: “A tragédia destas multidões reflete-se no rosto arrasado de homens, mulheres e crianças, que, num mundo dividido e que se tornou inospitaleiro, não conseguem mais encontrar um lar” (SRS, n. 24).

O problema acerca dos migrantes e refugiados também é uma realidade muito dura de sofrimento do povo de Deus, uma vez que as guerras afastam as pessoas de sua terra, muitos precisam fugir de seu país para abrigar-se em terra estrangeira. O Papa Francisco afirma:

Os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa. Consequentemente, têm de ser eles os “protagonistas da sua própria promoção” (FT, n. 39).

Os migrantes enfrentam o sofrimento da pobreza, da peregrinação em terra estrangeira, isto é, podem não ser bem recepcionados e podem ser marginalizados na participação de seu novo país. Assim, os migrantes e refugiados sofrem em diversos âmbitos de sua vida, e são um dos principais sofredores de nossa atualidade (DI, n. 40).

Nosso tempo também é marcado pelos sofrimentos de abusos sexuais e de violência contra as mulheres. Tais práticas são um padecimento pois geram no coração das vítimas uma profunda cicatriz, e tal cicatriz pode durar por uma vida inteira. Em outros termos, a mulher que sofre um abuso ou é vítima de uma violência pode não encontrar para seu coração um remédio ao trauma, além de que essas práticas são consideradas um escândalo global (DI, n. 43-44).

Essas realidades de sofrimento são apenas uma pequena parcela daquilo que acontece ao povo, pois muitas outras são as marcas e feridas existenciais das pessoas na contemporaneidade. Porém, com isso queremos demonstrar que a dignidade da pessoa humana é ferida com esses sofrimentos temporais, pois muitos carecem de meios para lidar com suas tribulações.

1.3.2 As tribulações na vida do povo: uma questão que interessa à Igreja

Assim como o povo de Deus sofre em sua existência, também as comunidades eclesiais padecem em sua peregrinação terrestre. Ou seja, a Igreja, além de participar dos sofrimentos da vida do povo, também possui suas próprias tribulações.

O Concílio Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen Gentium*, afirma que a caminhada da Igreja é marcada por tentações e tribulações, porém a Igreja recebe

do próprio Cristo o consolo através da força da graça, que de nenhuma maneira se distancia do ser humano (LG, n. 9).

Este tópico propõe uma reflexão acerca das tribulações das comunidades eclesiais, que, de algum modo, padecem no tempo presente por não possuírem uma realidade territorial de paz, ou por qualquer outra circunstância que apresente à comunidade uma experiência de tribulação temporal. O papa Francisco afirma:

São duas as perseguições contra os cristãos: a «explícita» [...] e a «educada, disfarçada de cultura, modernidade e progresso» que acaba por tirar ao homem a liberdade, inclusive da objeção de consciência (Francisco, 2016).

Essas perseguições se inserem na vida da Igreja como um pão cotidiano, isto é, estiveram presentes na Igreja primitiva e perduram até o presente, pois os sofrimentos existiram na antiguidade e continuarão a existir no futuro (Francisco, 2016). O Papa diz também em outro momento: "As perseguições não são uma realidade do passado, porque hoje também as sofremos quer de forma cruenta, como tantos mártires contemporâneos, quer duma maneira mais sutil, através de calúnias e falsidades (GE, n. 94).

Uma situação recente que atinge a Igreja de Pemba, em Moçambique, no Sul da África, é um exemplo concreto dos padecimentos cruentos vividos pela Igreja e por suas comunidades. Segundo notícias do site "Ajuda à Igreja que Sofre", na reportagem "Moçambique em Crise: ataques a comunidades e Igrejas", o ano de 2024 foi marcado por ataques a comunidades e vilarejos, nos quais ocorreram mortes e sequestros, diante de tal realidade, observamos grupos terroristas atacando três comunidades de Mazeze, ao Sul de Pemba. Nesses ataques, além de mortes, os terroristas também incendiaram as comunidades católicas, forçando as pessoas a fugirem para as matas e para as cidades vizinhas (ACN, 2024).

No *Angelus* de 18 de fevereiro de 2024, o Papa Francisco manifestou sua preocupação diante de tal ocorrência:

A violência contra populações indefesas, a destruição de infraestruturas e a insegurança voltam a grassar na província de Cabo Delgado, em Moçambique, onde também a missão católica de Nossa Senhora de África, em Mazeze, foi incendiada nos últimos dias. Rezemos para que a paz regresse àquela região atormentada. E não esqueçamos tantos outros conflitos que ensanguentam o continente africano e muitas partes do mundo: também a Europa, a Palestina, a Ucrânia... (Francisco, 2024b).

Este é apenas um retrato de padecimento desvelado à Igreja, através de tal situação, percebemos os sofrimentos de comunidades cristãs que tendem a vivenciar sua fé como uma verdadeira experiência de martírio. Além desses atuais padecimentos explícitos, existem outros que ferem a liberdade dos cristãos de professarem sua fé livremente. Sobre isso, o Papa Francisco diz em outro *Angelus*:

Acompanho com profunda preocupação o que está a acontecer na Nicarágua, onde bispos e sacerdotes foram privados da liberdade. Manifesto a eles, às suas famílias e a toda a Igreja do país a minha proximidade na oração. (Francisco, 2024a).

Nessa realidade apontada pelo santo Padre, nota-se a ausência de liberdade na profissão de fé de um povo. Essa ausência de liberdade é geradora de sofrimento para uma parcela do povo de Deus nicaraguano, que tem o interesse de manifestar publicamente sua fé, mas são impedidos pela falta de liberdade.

Diante de tais padecimentos, o Santo Padre nos ensina que “a cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação” (GE, n. 92). Isto é, essas tribulações das comunidades cristãs podem ser vistas como uma maneira de amadurecimento, para que elas caminhem com um crescente desejo de alcançar uma esperança que transforme as dores em alegrias e o sofrimento em santificação eclesial.

1.3.3 As crises ecológicas também colaboram para as tribulações humanas

Os problemas ecológicos que afligem o século XXI também possuem um grau de angústia e sofrimento para o povo de Deus. Segundo Byung-Chul Han:

Atualmente, não temos somente medo de vírus e das guerras. A ‘ansiedade climática’ também preocupa as pessoas. Os ativistas climáticos têm, como eles mesmos admitem, ‘medo do futuro’. Isso lhes rouba o futuro. A ‘ansiedade climática’ é indiscutivelmente justificada. Não se pode negá-la e é preocupante o clima de medo disseminado (Han, 2024, p. 12).

O universo teológico não se trata apenas de teorias sobre a fé que devem ser decoradas e repetidas, mas consiste em um serviço, uma convicção e uma orientação para o mundo. Logo, aquilo que está presente no mundo, deve ser olhado à luz da fé (Junior, 2016, p. 39). As questões ecológicas são objeto da reflexão teológica por

representarem a criação Divina e aquilo que sustenta nossa existência neste mundo. Logo, os seus problemas devem ser refletidos à luz da fé. Conforme dito por Junior: “Ofender a criação e particularmente a criatura humana é ofender a Deus” (Junior, 2016, p. 32).

A ecologia passa por uma realidade de crise que é fruto de uma atividade descontrolada do ser humano em obter lucro financeiro, este problema tende a gerar na sociedade uma catástrofe ecológica, uma vez que isso pode voltar-se contra o ser humano (LS, n. 4). O uso irresponsável dos bens que Deus confiou à criação, além de gerar um sofrimento à natureza, pode gerar um sofrimento à humanidade, trazendo tribulações e crises humanitárias que poderiam ter sido evitadas (LS, n. 2).

É notável observar que o Papa Francisco com suas reflexões ecológicas, pretende transformar essas adversidades em uma realidade de sofrimento pessoal. Poluição, mudanças climáticas, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida e esgotamento dos recursos naturais são problemas comuns à humanidade e geradores de sofrimento (LS, n. 19).

No contexto atual, essas catástrofes ecológicas já são irreversíveis, pelo menos durante centenas de anos, e isso já se manifesta nas altas temperaturas dos oceanos e na acidificação das águas, além das situações do degelo nos polos (LD, n. 15-16).

As águas dos oceanos possuem uma inércia térmica, sendo necessário séculos para normalizar a temperatura e a salinidade, com consequências para a sobrevivência de muitas espécies. Este é um sinal, entre muitos, do fato que as outras criaturas deste mundo deixaram de ser nossas companheiras de viagem para se tornar nossas vítimas (LD, n. 15).

Isto nos implica compreender que o meio ambiente é um bem coletivo, uma herança comum a todos, um patrimônio da humanidade e uma responsabilidade constante. A nós, cabe a administração de tais bens, se não a assumirmos carregaremos em nossas consciências o peso de negação da existência aos outros (LS, n. 95).

Um dos fatores que aceleraram este problema é de origem humana, por conta do progresso industrial, a emissão de gases começou a aumentar e não somente isso, mas no caminhar que estamos seguindo, os problemas climáticos que envolvem poluição do ar apenas crescem e não regridem (LD, n. 11). Muitas vezes, a visão do homem é notar a natureza como um objeto de lucro e interesse comercial, por isso a

prática comercial sem uma ecologia responsável é geradora de crises para a natureza (LS, n. 82).

Além dos sofrimentos da natureza, que “geme e sofre como em dores de parto até o presente” (Rm 8,22), a humanidade também sofre com os problemas dos recursos naturais. Com relação ao problema da água, as secas que ocorrem em diversas partes do mundo são geradoras de sofrimento, já que, sem a água, se perde a produção de alimentos, logo, ocorre o problema da fome e pobreza em uma região (LS, n. 28).

Outro problema relacionado à água é sobre sua qualidade disponibilizada aos mais pobres, entre eles ocorre com frequência doenças provocadas pela má qualidade, assim sendo, uma água com serviços de higiene escassos é geradora de sofrimentos e até mesmo de um alto número de mortes (LS, n. 29).

Assim como a escassez de água é uma fonte geradora de sofrimento, outras realidades também geram sofrimentos à vida humana. A má qualidade do ar, por exemplo, contribui para o surgimento de doenças e compromete gravemente a qualidade de vida (LS, n. 44), a perda da biodiversidade gera um sofrimento na construção de um futuro para os seres humanos, além de perda de alimentação e de curas de doenças (LS, n. 32).

Para se chegar a uma realidade de conforto ecológico, a ponto de não padeceremos com tal realidade, o Papa Francisco enfatiza a necessidade de uma espiritualidade ecológica, na qual o ser humano é chamado a mudar seu estilo de vida para preservação ambiental, de modo que suas condutas não interfiram no bem comum e na ecologia integral.

A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa de traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece (LS, n. 209).

O apelo do santo Padre acontece para que haja uma tomada de consciência humana sobre a atual situação ecológica. A proposta cristã diz que é preciso encontrar formas alternativas de entender a qualidade de vida, encorajando um modo de vida capaz de gerar uma profunda alegria sem ser obcecado pelo consumo desenfreado dos bens naturais. A espiritualidade cristã pensa que é possível viver uma vida sóbria com alegria, isto é, fugindo do uso exacerbado da natureza (LS, n. 222).

Ao problema do sofrimento ecológico, o papa nos dá a solução da espiritualidade ecológica. Aqui, nota-se que a espiritualidade não se trata apenas de vias doutrinárias, mas de uma mística que anima. A espiritualidade ecológica é uma conversão pessoal com as criaturas de Deus, no qual a pessoa vive de forma harmoniosa com o projeto de criação Divina (Júnior, 2016, p. 36).

Muitos são os problemas ambientais atuais e, certamente, eles são geradores de sofrimento humano. O destaque para esta temática surge a partir de uma voz profética do magistério de Francisco que busca incansavelmente alertar e voltar os nossos olhares para essa situação preocupante e que pode gerar tribulações aos seres humanos. Esses sofrimentos já se manifestam na atualidade, mas, conforme dito pelo Papa, eles tendem a crescer caso não se encontrem meios de produzir uma vida com qualidade distante do uso irresponsável da natureza.

Estas situações são apenas uma pequena parcela dos sofrimentos contemporâneos que ferem as pessoas. Outras situações poderiam ser apresentadas, porém, isto nos basta para demonstrar que as tribulações estão presentes em nosso tempo e são retratadas e compreendidas pela Igreja e pelo magistério.

A partir de agora, nossa pesquisa se voltará a uma teologia da esperança, uma vez que os sofrimentos não são a nossa finalidade central, mas sim o olhar para os padecimentos de modo que alcancemos uma esperança capaz de transformar o sofrimento em alegria: “Transformaste o meu luto em dança, tiraste o pano grosseiro e me cingiste de alegria” (Sl 30,12).

2 A ESPERANÇA: UM OLHAR TEOLÓGICO PARA A VIRTUDE NA VIDA DO POVO DE DEUS

Neste segundo capítulo de nossa pesquisa, abordaremos ao tema da Esperança. Quais as características para identificá-la e como entender aquele que é o seu oposto, o desespero. Além disso, abordaremos sobre o modo como o cristão compreende essa importante virtude. Esse ponto possui importância para essa pesquisa, uma vez que ele é a chave para obtermos os resultados finais esperados e, com isso, aproximarmos a esperança da realidade apresentada anteriormente, dos sofrimentos humanos.

Após uma abordagem conceitual e analítica, passaremos a investigar essa virtude à luz do Concílio Vaticano II e também das Conferências Episcopais Latino-Americanas. Na prática, isso nos auxiliará a avistar a esperança em nosso tempo e contexto sociocultural, uma vez que o Concílio e as Conferências são uma base referencial para investigação teológica atual.

Para concluir essa seção, trabalharemos com a realidade de esperança e escatologia. Analisaremos de que maneiras podemos entender o significativo papel dessa virtude no campo escatológico. E ainda, de quais modos é possível compreender o Reino definitivo e qual a sua relação com a esperança. Esses tópicos, basicamente, sintetizam o caminho que se apresentará neste capítulo.

2.1 Sobre a virtude da esperança

Etimologicamente, a palavra esperança é derivada do latim *Spes* e significa esperar. Porém, esse conceito possui um grande campo para exploração, uma vez que não é objeto apenas da teologia, mas faz parte de diversas culturas e áreas do conhecimento. Neste sentido, o filósofo Han diz: “A esperança representa um movimento de busca. É uma tentativa de ganhar apoio e direção” (Han, 2024, p. 16). Ou seja, a esperança possui um caráter amplo e é inerente à existência humana. No universo teológico, podemos afirmar o seguinte sobre a esperança:

A esperança pressupõe um tempo linear e orientado. Compreende duas noções: o ato (ou movimento) da esperança e o objeto da esperança. Por sua vez, a esperança enquanto movimento comporta

uma dupla dimensão: temporal e relacional. Em seu eixo temporal, a esperança é uma tensão do ser para um bem futuro desejado, incerto, mas considerado possível; ela encontra expressão quando se diz "espero que" (...um dia serei curado). Em seu eixo relacional, a esperança pressupõe uma confiança no outro; ela encontra expressão quando se diz "espero em" (...em ti, em Deus, no homem). Ao contrário da esperança, o desespero assinala, de fato, o término do tempo e a solidão (Mies, 2022, p. 494).

A esperança trafega entre o presente e o futuro. Apoiar-se nela não significa saber algo racionalmente, mas preparar-se para uma realização positiva possível. A pessoa que possui esperança pode ser identificada como aquela que, de algum modo, aguarda algo de alguém ou de alguma situação específica (Mies, 2022, p. 494).

Todos esperam algo; a vida humana é marcada por essa realidade. A partir da perspectiva teológica, a vida da Igreja pressupõe essa espera. Na teologia bíblica, a esperança do povo de Deus acontece de distintas maneiras, seja pela expectativa de uma terra, de um rei capaz de governar o povo, ou ainda de um anúncio profético que trouxesse salvação. Esse aguardo é uma marca na vida daquele que crê (Lacoste, 2004, p. 644).

Os textos sagrados revelam que Jesus Cristo também viveu a esperança, pois, nas Escrituras, Ele não é retratado como aquele que simplesmente "espera", mas como a própria realização da esperança. Assim,

Sua oração expressa uma esperança em ato. Anuncia o Reino, presente ou próximo, mas sabe que as forças do mal o levarão à morte (cf. Mt 20,17-19). O anúncio do Reino desemboca no insucesso. Jesus é chamado a esperar "para além de toda esperança" (Rm 4,18, a propósito de Abraão). Anunciou sua ressurreição (cf. Mt 20,19), porém sua esperança, no Getsêmani, foi colocada à prova tentando a reduzi-la à esperança de não morrer (Mt 26,39), supera essa tentação colocando-se nas mãos do Pai (cf. Mt 26,39: "Meu Pai [...] como tu queres"), Jesus obtém a força da própria esperança não de um conhecimento total do futuro (esperar não é predizer nem saber), mas de sua relação com o Pai (Mies, 2022, p. 497).

A esperança que se revela em Jesus Cristo é voltada para o próximo. Neste sentido, sua vida é uma expressão de esperança para aqueles que cruzam seu caminho, suas pregações são expressões de esperança (Mt 5,3-12) e também os seus atos se enquadram como sinais de esperança no mundo, como as diversas curas, transfiguração, anúncios e sua ressurreição (Mies, 2022, p. 497-499).

No campo teológico, definimos a esperança como um comportamento da vida do cristão que se relaciona com a sua fé. Por ser um comportamento, a esperança é

tratada como uma virtude, e por se relacionar com o próprio Deus, ela é vista como teologal. Junto com a fé e a caridade, a esperança está inserida dentro das chamadas virtudes teologais (Manzatto, 2015, p. 357).

Em sua essência, a esperança se define como o desejo do cristão de encontrar-se com o seu Criador e Salvador, isto é, estar com Deus na vida eterna (Manzatto, 2015, p. 358). Voltaremos a este tema quando tratarmos das questões escatológicas que envolvem a virtude da esperança, mas para um aprofundamento conceitual, esse assunto surge como necessário para compreensão da esperança.

Em vista disso, quando tratamos de esperança, estamos falando de alguém que espera algo de alguém ou de alguma situação. Toda pessoa deposita sua esperança em realidades concretas ou pessoas, e essa esperança alimenta aquilo que foi apresentado anteriormente como sentido da vida do ser humano.

2.1.1 Sobre a condição do desespero humano

Para esclarecer ainda mais essa ideia da esperança, vale ressaltar que o oposto dela consiste no desespero. Desesperar é recusar-se a esperar, a tal ponto que o ser humano se antecipa de maneira inoportuna, arbitrária, do não cumprimento daquilo que se espera (Moltmann, 1971, p. 10). No campo teológico, este desespero é uma “revolta contra a paciência da esperança, que confia no Deus da promessa. Impacientes, querem ‘já agora’ o cumprimento, ou então, ‘nunca mais’ têm esperança” (Moltmann, 1971, p. 11).

O desespero nem sempre surge com um aspecto angustiante, mas também pode surgir de maneira silenciosa, como uma ausência de sentido para a vida, na perspectiva idealizadora de um futuro utópico (Moltmann, 1971, p. 12). As Sagradas Escrituras não atestam apenas esperança, mas registram situações de desespero.

Voltemo-nos ao episódio de Judas Iscariotes, o traidor de Jesus Cristo (Mt 27,3-10; At 1,18-19), que, diante das consequências de sua traição, opta pelo suicídio. Segundo Luz, teólogo suíço e estudioso da tradição bíblica, “*El suicídio no es sin embargo, para la mayoría, el núcleo del pecado de Judas. Quizá sea mera secuela de su desesperación*”⁴ (Luz, 2005, p. 328).

⁴ “O suicídio, no entanto, não é, para a maioria, o núcleo do pecado de Judas. Talvez seja mera seqüela de sua desesperação” – tradução nossa

Luz prossegue, apoiando-se na teologia de Dionísio Cartuxo, monge e místico da tradição cartuxa:

Judas pecó más desesperándose que traicionando a Cristo, pues la desesperación es el pecado contra el Espíritu santo, contra la divinidad directamente, o sea, contra la infinitud de la bondad y misericordia de Dios [...] pero la 'Désespérance' le asegura que no hay perdón para traidores. Nada puede ayudar ya a Judas⁵ (Luz, 2005, p. 328).

A situação de Judas, diante da traição a Jesus Cristo, leva o seu coração ao arrependimento, porém sem a esperança de receber de Jesus um perdão, seu arrependimento beira o remorso por conta da traição. As trinta moedas tornam-se, para ele, um peso insuportável, impossível de carregar, logo, sua opção é livrar-se de si, de modo que aquela culpa não mais o atormente. O discípulo Judas carecia de esperança, sua falta de esperança o levou ao oposto dela, o desespero. *"El pecado imperdonable de Judas es, pues, su desesperación, desesperar de la gracia⁶" (Luz, 2005, p. 328).*

Esse episódio de Judas talvez seja um dos mais claros quando tratamos do desespero humano, principalmente quando nos voltamos aos Evangelhos. Certamente, nem todo desespero leva ao suicídio, porém o desespero gera no coração humano um vazio existencial, uma perda de sentido (Luz, 2005, p. 343).

Isso evidencia que a esperança é essencial para que a pessoa possa significar os acontecimentos de sua vida, pois quem tem esperança sempre espera algo de alguém ou de algum lugar. A esperança alimenta o futuro e combate o vazio existencial do ser humano.

2.2 A Esperança na esfera eclesial: Concílio Vaticano II e Conferências Episcopais Latino-Americanas

A esperança surge como um dos temas principais na vida eclesial, como afirma a Constituição *Lumen Gentium*: “espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória” (LG,

⁵ “Judas pecou mais desesperando-se do que traíndo a Cristo, pois a desesperação é o pecado contra o Espírito Santo, contra a divindade diretamente, ou seja, contra a infinitude da bondade e misericórdia de Deus [...] mas a 'Desesperança' lhe assegura que não há perdão para traidores. Nada pode mais ajudar a Judas” – tradução nossa.

⁶ “O pecado imperdoável de Judas é, portanto, sua desesperação, desesperar da graça” – tradução nossa.

n. 5). Nesse sentido, propomos a exploração deste tema no Concílio Vaticano II – mais especificamente em duas constituições – que direcionam a Igreja toda em nossa contemporaneidade, e também visamos olhar para esse conteúdo nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, que retratam a esperança da Igreja em nossa realidade territorial.

2.2.1 A esperança nas constituições do Concílio Ecumênico Vaticano II

O Concílio Vaticano II é o vigésimo primeiro da Igreja e o maior em número de participantes. Foi o Concílio que se propôs a dialogar com o mundo moderno, depois de uma grande oposição a ele. O Concílio realizou-se como um grande sínodo construído à base da comunhão e diálogo na diversidade de culturas ali presente. As diversas realidades culturais e concepções teológicas estiveram presentes nos grandes debates, que buscavam a aproximação mais precisa com a tradição e a linguagem mais próxima do mundo moderno (Passos; Sanchez, 2015, p. 15).

Os documentos do Concílio são dezesseis: quatro constituições, nove decretos e três declarações, fruto de mais de três anos de duração, quatro períodos e dois papas, os canonizados João XXIII e Paulo VI.

Sobre a esperança cristã, no Concílio, podemos afirmar o seguinte:

Nos documentos do Concílio Vaticano II, a esperança aparece cerca de 70 vezes, em vocábulos diferentes como esperança, espera e esperar. Sua maior concentração está nos documentos eclesiológicos do Concílio, sobretudo a *Lumen Gentium* e a *Gaudium Et Spes*. Em um e outro indicam sempre um conteúdo escatológico, porém não desligado das questões que envolvem a vida humana. Se em *Lumen Gentium* ela aparece com maior concentração quando se fala da "Índole escatológica da Igreja", ela se liga, sobretudo em *Lumen Gentium*, à esperança, humana no caminho da vivência da paz, da construção da convivência fraterna e na superação dos conflitos que ameaçam destruir a humanidade, Se a esperança cristã não se plenifica na história, ela também não se realiza sem ela (Manzatto, 2015, p. 358).

Neste sentido, notamos que duas são as grandes esperanças na teologia do Concílio: por um lado, a esperança que se entende a partir da perspectiva escatológica; por outro, uma esperança que atinge diretamente a vivência e a dignidade humana no seu aqui e agora.

Freitas afirma que “a esperança [...] é, antes de tudo, a meta para a qual se encaminha o povo de Deus peregrinante, a esperança à qual tende a Igreja em marcha” (Freitas, 1968, p. 202). O caráter escatológico da Igreja constitui o objeto da esperança do Povo de Deus.

Sobre este caráter escatológico da Igreja, a *Lumen Gentium* diz:

A Igreja, à qual todos somos chamados e na qual por graça de Deus alcançamos a santidade, só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At. 3,21) e, quando, juntamente com o gênero humano, também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo [...] A prometida restauração que esperamos, já começou, pois, em Cristo, progride com a missão do Espírito Santo e, por Ele, continua na Igreja; nesta, a fé ensina-nos o sentido da nossa vida temporal, enquanto, na esperança dos bens futuros, levamos a cabo a missão que o Pai nos confiou no mundo e trabalhamos na nossa salvação (cfr. Fil. 2,12) (LG, n. 48).

A espera do povo e da Igreja está voltada para a restauração de todas as coisas e do gênero humano, que ocorrerá em Jesus Cristo. Essa expectativa sustenta o povo de Deus, que, em meio às crises temporais, dirige seus olhos para a espera da bem-aventurada vinda gloriosa do grande Deus e Salvador, Jesus Cristo (Lopes, 2011a, p. 138). Unido a Cristo e à Igreja, o cristão participa desta esperança escatológica.

Neste sentido, o Concílio propôs que toda a Igreja reflita sobre o sentido da existência humana na perspectiva de outra vida. Uma vida capaz de dar respostas aos grandes problemas que apresentam a condição humana, que é finita e contingente (Freitas, 1968, p. 204).

A segunda constituição que trata da esperança cristã é a *Gaudium Et Spes*, sua abordagem volta-se para as relações da esperança teológica com as esperanças da vivência humana, além de tratar da influência da esperança escatológica nas realidades terrestres (Freitas, 1968, p. 206). A constituição diz o seguinte:

A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra, onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro (GS, n. 39).

A constituição reforça que a atividade humana prepara o novo céu e a nova terra. A figura deste mundo passará; mas, o novo céu e a nova terra – já presentes nas ações daqueles que creem – brotarão em plenitude. O cristão não pode afirmar

ao certo quando isso se dará, contudo, na medida em que este progresso humano contribui para a melhor composição da sociedade, isto interessa muito ao Reino de Deus (Lopes, 2011b, p. 101).

Embora a esperança do cristão esteja voltada para a vida futura, ele mantém um vínculo com este mundo. Participar do Reino de Deus significa também envolver-se com o agora de Deus. Essa participação envolve os gestos e valores presentes que aproximem a pessoa do próprio Cristo, isto é, gestos de amor, construção de paz, estabelecimento da concórdia no mundo e nas famílias (Manzatto, 2015, p. 358).

O cristão é chamado a engajar-se no mundo atual, de todas as maneiras possíveis. Na política, transformando as crises sociais e visando benefícios para os povos. É chamado a exercer com sobriedade sua missão familiar, educando os filhos com justiça e amor. O cristão é chamado a fazer a diferença no mundo, carregando consigo uma esperança transformadora onde ele estiver (Manzatto, 2015, p. 359).

A vivência do momento presente, segundo a *Gaudium Et Spes*, é essencial para a construção de uma esperança centrada na glória definitiva. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, n. 1).

Em síntese, o caminho do Concílio é reafirmar a ideia do caráter peregrinante do cristão neste mundo, e seu desejo de viver perto do seu Senhor. Essa é a característica e a essência da esperança do cristão no tempo atual, que é tão propenso a encontrar nessa virtude uma espera passiva, que se torna um obstáculo para si próprio, manifestando-se muitas vezes como uma fuga da responsabilidade à qual somos chamados a viver (Freitas, 1968, p. 207).

Essa ideia de uma esperança centrada no Reino definitivo voltará a ser pauta neste trabalho, uma vez que a compreensão dessa temática é fundamental para alcançarmos os nossos objetivos.

2.2.2 As questões da esperança nas Conferências Latino-Americanas

Ao analisarmos a realidade eclesial latino-americana, é de grande valia adentrarmos nas questões que envolvem a virtude da esperança na vida do povo e que estão inseridas em nosso contexto sociocultural. Segundo Lina Boff:

A esperança é apresentada nas conclusões dos nossos documentos – Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida – num contexto histórico que nos exigiu uma leitura teológica dos elementos históricos aí presentes na vida concreta dos nossos povos (Boff, 2010, p. 133).

Os documentos das conferências do CELAM concluem com expectativas eclesiais a serem vivenciadas pelas Igrejas locais. Assim, exploraremos neste tópico alguns aspectos que evidenciam as esperanças eclesiológicas ao longo da caminhada latino-americana. Outro ponto fundamental ressaltado por Lina Boff é que:

As nossas Conferências Episcopais traçaram orientações de seu plano de evangelização, que continuam contendo elementos inovadores, os quais ultrapassam as próprias orientações dadas pelo Vaticano II, sempre porém, declarando sua fidelidade ao mesmo (Boff, 2010, p. 135).

A abordagem dessa virtude está fundamentada nas ideias apresentadas na *Lumen Gentium*, de uma esperança centrada em uma teologia escatológica, e também dos apontamentos da *Gaudium Et Spes*, que propõe uma esperança voltada à realização, no mundo, de uma obra transformadora e promotora de dignidade para os povos.

Não aspiramos fazer um aprofundamento de cada Conferência, mas oferecer um apanhado geral sobre o assunto da esperança cristã nas Conferências Episcopais de nosso continente. Em Medellín (1968):

Todo o documento se apresenta pervadido da história sofrida do povo por um lado, mas por outro, coberto de esperança como o povo do Êxodo que se liberta da escravidão do Egito e caminha ao encontro da terra prometida, na esperança de sua libertação que se realiza com a vinda do Messias anunciado pelos Profetas. Medellín respira esperança, esperança vivida na história concreta e vinculada à história da salvação (Boff, 2010, p. 137).

Medellín é a primeira Conferência após o Concílio e retrata de modo profético os padecimentos do povo de Deus com as crises econômicas e sociais. A esperança, em Medellín, consiste no desejo que as injustiças contra as populações cessem e, assim, o povo de Deus ali presente possa caminhar segundo os preceitos de uma dignidade humana e uma justiça social capaz de transformar o choro em alegria (Boff, 2010, p. 138). O documento diz:

Apesar de estarmos rodeados de imperfeições, somos homens de esperança. Cremos que o amor a Cristo e a nossos irmãos será não somente a grande força libertadora da injustiça e da opressão, mas

também e principalmente a inspiradora da justiça social, entendida como concepção de vida e como impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos (DMd, p. 12).

A Conferência enfatiza o olhar que a Igreja deste continente deve ter de esperança para os problemas próprios de nosso local. Muitas são as injustiças contra este povo, em vista disso, essa virtude encoraja o povo de Deus a direcionar seu olhar ao amor de Cristo, que é transformador.

Partindo para a Conferência de Puebla (1979), podemos dizer que ela ratifica e enfatiza o que Medellín afirmou. Segundo Lina Boff:

Os bispos convocam todas as pessoas de boa vontade a uma conversão individual e social. Pedem aos cristãos que colaborem para a construção de uma história que transforme as pessoas e as estruturas sistêmicas e culturais dentro das quais vivem sua fé. Pedem ainda que comuniquem seus valores cristãos à cultura global em que estão inseridos, e, conscientes dos resultados já obtidos, tenham esperança de continuar trabalhando pelo seu aperfeiçoamento (Boff, 2010, p. 144).

As Conferências de Puebla e Medellín encorajam o povo de Deus a uma esperança baseada no contexto latino-americano. Uma vez que estes territórios sofreram com ditaduras e crises políticas que interferiram diretamente no modo de vida do povo e das comunidades eclesiais, a virtude da esperança das comunidades cristãs auxilia o povo a encontrar justiça e solidariedade durante o processo de crise social (Boff, 2010, p. 145).

Porém, a terceira Conferência destaca outros aspectos nos quais o povo é chamado a esperar em Cristo. Em Puebla, existe uma esperança em prol da juventude, o Papa João Paulo II afirma no seu discurso de abertura da Conferência:

Quanta esperança põe na juventude a Igreja! Quantas energias circulam na juventude na América Latina, de que a Igreja precisa! Como temos nós, os Pastores, de procurar aproximar-nos da juventude, para que Cristo e a Igreja e para que o amor dos irmãos cale profundamente no seu coração (João Paulo II, 1979).

A esperança da evangelização da juventude é um dos destaques. O documento final afirma: “Os pobres e os jovens constituem, portanto, a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é, por conseguinte, prioritária” (DPb, n. 1132). A Igreja encoraja a juventude a assumir o seu papel de discípulos de Cristo e, assim, serem um sinal visível da ação de Deus neste continente.

Além dessa esperança na juventude, a Conferência aborda a esperança nas crianças de nosso continente, a esperança na evangelização (DPb, n. 166), a esperança escatológica que dá sentido às esperanças humanas (DPb, n. 551), a esperança de uma renovada formação dos futuros presbíteros (DPb, n. 874), a esperança da comunhão e da participação do povo latino-americano (DPb, n. 1097), dentre outras. Estes aspectos destacados apenas revelam a centralidade da esperança nas discussões de Puebla.

Santo Domingo (1992) foi um momento distinto na caminhada eclesial latino-americana, já que a reunião dos bispos caminhou como um “ajuste pastoral” para as realidades eclesiais.

A Conferência de Santo Domingo, mesmo em meio aos seus muitos condicionamentos, acabou nos deixando lições a fazer e caminhos a seguir, como povo de esperança e povo capaz de mudar sua história diante dos questionamentos feitos, interna e externamente, à estrutura eclesiástica (Boff, 2010, p. 149-150).

Neste caso, o caminho de Santo Domingo expressa uma esperança pautada no próximo milênio e na celebração dos quinhentos anos de evangelização na América Latina e, nesse sentido, a Conferência convida todo o povo a olhar para a nossa história e identificar nela os sinais dos feitos do Senhor em nosso meio (Boff, 2010, p. 151).

A mais recente Conferência do Episcopado Latino-Americana aconteceu em Aparecida, em 2007, e foi a Conferência que mais tratou sobre os diversos modos de viver segundo uma esperança em Cristo Jesus, desde o discurso de abertura do Papa Bento XVI até as conclusões pastorais.

O pontífice manifesta, aqui, a força da esperança que os povos do Continente vivem na fé do Cristo que faz história junto com seu povo e o motiva a iluminar o mundo com o Deus Ágape, o qual realiza a esperança que faz história e aponta para a vida plena testemunhada pelos nossos mártires (Boff, 2012, p. 446).

O discurso de Bento XVI abre as portas para olharmos para a história de nosso povo, que, com o seu olhar de esperança em Jesus Cristo, encontrou forças para testemunhar esse amor de Deus pela humanidade. Esse olhar de esperança que deve direcionar nosso povo segue como o eixo da Conferência, traçando seus planos pastorais e urgências. A Conferência voltou-se constantemente para um olhar

esperançoso para os caminhos da Igreja e dos países latino-americanos diante de suas variadas crises que afligiam o povo e poderiam afetá-los em um futuro.

Em síntese, segundo Boff, a Conferência de Aparecida destaca:

Esta esperança consente a todos os povos, a alegria, o gozo, a solicitude e o compromisso com a promoção humana e a partilha dos bens que promovem a vida. Afirmam uma esperança humana que se encontra no âmago da história vivida por Jesus, pois, é a esperança que direciona para uma “mudança de época” [...] Pode-se dizer que, em Aparecida, os bispos evidenciam duas coisas importantes para o testemunho da fé dos nossos povos. A primeira é o testemunho dos nossos mártires [...] e a segunda, é o testemunho da fé ativa e da presença constante da mulher na dinâmica da história que construímos com o povo. As muitas mulheres de hoje que presidem o processo de evangelização têm, em Maria de Nazaré, a exemplaridade da Mãe de Deus que atrai filhos e filhas para o Filho que ela gerou no Mistério da Encarnação (Boff, 2012, p. 466-467).

Aparecida lança um olhar de esperança para toda a Igreja latino-americana, convidando todo o povo discípulo-missionário de Jesus a testemunhar e agir sem timidez no mundo, e convida-os a ouvir a voz do Espírito Santo para caminhar segundo o seu dinamismo e suas inspirações (Boff, 2012, p. 467). O documento da Conferência vai dizer o seguinte:

Por isso, frente a esta forma de globalização, sentimos um forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos, fazendo da América Latina e do Caribe não só o Continente da esperança, mas também o Continente do amor (DAp. n. 64).

Os bispos Latino-Americanos encorajam todo o povo a testemunhar a esperança em uma mudança radical do nosso continente, para que este lugar sagrado seja também um espaço de amor e, com isso, a esperança naturalmente se manifestará como algo intrínseco à vida da pessoa (DAp. n. 537).

Com essas considerações, destacamos que as Conferências do episcopado latino-americanas encorajam o povo de Deus a ser um canal da graça Divina, testemunhas de uma esperança no Senhor Jesus Cristo e discípulos missionários que impulsionem um testemunho de esperança. Diante dos diversos problemas que atingem nosso continente, o caminho da esperança faz com que o cristão se inspire a combater, através de seu exemplo, os problemas sociais e religiosos que tendem a frustrar ou esmorecer o povo de Deus.

2.3 Esperança e escatologia: Relação entre a esperança cristã com o Reino de Deus

O Concílio Vaticano II apresenta duas vias de reflexão sobre a esperança cristã. Em primeiro lugar, uma esperança centrada em uma escatologia, isto é, a espera que o cristão tem de encontrar-se com o seu Criador no “dia final”. O segundo modelo de esperança apontado pelo Concílio envolve o “aqui e o agora”, isto é, um olhar que o cristão necessariamente precisa ter sobre o tempo presente.

As Conferências Episcopais Latino-Americanas acolhem e atualizam, em chave pastoral e profética, as esperanças delineadas pelo Concílio Vaticano II. Através daquilo que indicamos como as esperanças diante dos padecimentos e desafios socioculturais que afligem o povo de Deus.

A partir desse panorama, nos voltaremos especificamente para a relação entre esperança e escatologia, com o objetivo de aprofundar a conexão entre essa virtude com o Reino de Deus e a ideia de salvação humana.

Quando falamos em escatologia, é importante ter claro o conceito:

O termo "escatologia" vem de "*eskhaton*", que em grego significa futuro absoluto. Ao estudarmos escatologia, estaremos então perguntando pelo destino último de todas as coisas que existem ou pelo plano de Deus para toda a criação. Futuro absoluto não significa somente pergunta pelo fim do mundo ("*eskhata*": coisas últimas), mas pelo sentido mais profundo de tudo o que existe já hoje, assim como também existirá no futuro. Este sentido mais profundo nós sabemos que foi dado por Jesus Cristo (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 12).

Portanto, a escatologia não trata apenas de coisas futuras que haverão de acontecer, como os novíssimos⁷, a parusia (segunda vinda de Cristo), o juízo final, dentre outros. Na escatologia, tratamos também sobre a relação deste Deus – que é o Ser absoluto – com o homem, e sobre o comportamento do homem diante deste Ser absoluto, isto é, o olhar que temos de esperança e perdão, e também o olhar de justiça diante deste Deus (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 12). Exploraremos as ideias fundamentais dessa disciplina, visando a sua aproximação com a virtude da esperança.

⁷ A Tradição dos novíssimos basicamente diz respeito sobre o sentido dos últimos acontecimentos de nossa experiência pessoal, ou seja, o juízo particular (Manzatto, Passos, Villac, 2009, p. 97).

2.3.1 A ideia de Ressurreição

O cerne da reflexão escatológica tem como ponto de partida a ressurreição de Jesus Cristo e o Reino de Deus, isto porque a ressurreição de Jesus abre as portas para uma consideração mais ampla sobre a ressurreição dos mortos dos crentes e a nossa redenção.

É nesta fórmula do Cristo Ressuscitado que encontramos a profissão de fé mais antiga da Igreja, de que Ele verdadeiramente ressuscitou e em sua vitória sobre a morte encontramos a essência da fé cristã. Sem a sua ressurreição, a fé que depositamos no Cristo não faria sentido (Blank, 1993, p. 148).

Na Igreja Primitiva, a ressurreição de Cristo era a prova principal da veracidade do cristianismo, uma vez que Cristo Ressuscitado apareceu aos discípulos e a outras diversas pessoas (1Cor 15,6). Contudo, a ressurreição entra na ordem do mistério, uma vez que não é possível atestar através da ciência arqueológica ou histórica, mas ela adentra no campo apocalíptico-escatológico (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 66).

Além disso, o testemunho dos primeiros cristãos é que Deus tirou Jesus Cristo do sono da morte. A celebração dominical, o “dia do Senhor”, a festa da Páscoa, em todas as Igrejas cristãs, a celebração da Eucaristia é um sinal de que essa lembrança não se apega somente à Paixão do Senhor, mas também à sua revivificação após três dias (Lacoste, 2004, p. 1525).

Na compreensão apostólica, “A ressurreição é entendida como elevação, glorificação, ida para o Pai. Esta concepção está ligada ao tema do Messias, o Filho do Homem e Servo Sofredor que é exaltado” (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 68). Este é o testemunho dos apóstolos nos discursos de Pedro e Paulo.

Outro dado que deu origem à fé na ressurreição de Jesus está nas suas aparições:

Os evangelhos transmitem-nos os seguintes fatos: as aparições são descritas como uma presença real e carnal de Jesus, Ele come, caminha com os discípulos, deixa-se tocar, ouvir e dialoga com eles (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 71).

Assim a Igreja professa e testemunha a ressurreição de Jesus. Podemos afirmar que, mesmo sem as aparições ou o sepulcro vazio, a fé na ressurreição ainda seria válida, uma vez que, após a sua fracassada morte, seu nome continuou a ser

difundido, mesmo em meio às crises. Aí está um atestado histórico-social de que, realmente, Jesus Cristo ressuscitou (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 73).

Segundo Blank, a ressurreição é um sinal de que Deus ratifica a vida e a mensagem deste Jesus Cristo, demonstrando para todos a autenticidade de suas pregações (Jo 2,19-21; 11,25-26). Na ressurreição, a Páscoa torna-se um evento definitivo da nova vida estabelecida por Deus (Blank, 1993, p. 148).

Com isso, a fé da Igreja na ressurreição de Jesus Cristo nos dá abertura para pensarmos a respeito de nossa ressurreição. Se Cristo ressuscitou, também nós ressuscitaremos? Essa é a esperança cristã que Paulo expressa ao afirmar que, também nós ressuscitaremos com Cristo (1Cor 15,22). Diante disso, podemos afirmar:

Para a fé cristã, a ressurreição não é revivificação de um cadáver, mas a total realização das capacidades do homem-corpo-alma, a superação de todas as limitações que marcam a existência, o sofrimento, a morte, o pecado, e, por fim, a plena glorificação como divinização do homem pela realidade divina (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 79).

A ressurreição da humanidade, segundo um olhar escatológico, representa a ideia de participação plena na glorificação divina. Trata-se do desenvolvimento máximo da união entre Cristo e a humanidade, isto é, a nossa ressurreição tem um significado de comunhão com Deus, que em Jesus Cristo ressuscitou (Freitas, 1968, p. 192).

Um outro assunto essencial da reflexão escatológica envolve o Reino de Deus, que era a grande expectativa escatológica do povo judeu, e que foi o centro das pregações de Jesus e da Igreja Primitiva e, basicamente, é a grande fonte de esperança do Povo Cristão (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 81).

2.3.2 Do que se trata o Reino de Deus?

Certamente, a reflexão sobre o Reino de Deus é vasta e merece nossa atenção, uma vez que a nossa hipótese gira em torno da esperança do cristão no Reino definitivo. Este conceito possui uma longa história que vai desde a literatura rabínica e intertestamentária (Vermes, 2015, p. 45)

Nesse percurso histórico e teológico, Geza Vermes, especialista em estudos judaicos, afirma:

O elemento comum a todas as formulações é que o reino de Deus vincula-se antes com a própria soberania divina do que com o reino governado por Deus. Quando a nação judia era uma monarquia, a soberania divina era a contraparte da realeza terrena. O rei era designado "filho de Deus", seu representante na terra. Israel acreditava gozar de uma posição privilegiada na economia da providência e da salvação e constituir a província de *facto* da qual Deus era regente. Mas também acreditava que o seu reino de *iure* se estendia bem além das fronteiras do país e que, um dia, um rei poderoso iria subjugar os iníquos gentios e compeli-los a prestar culto ao único Deus verdadeiro (Vermes, 2015, p. 45).

Desde a perda da independência no século VI a.C., Israel buscava um soberano que restabelecesse o regime visível de Deus sobre o povo de Israel e sobre os demais povos. Daqui surge a ideia de messianismo bíblico e com o decorrer dos séculos essa ideia ganhou força. Além dessa tese de Rei e Messias, surge uma ideia de que o reinado divino se seguiria de uma vitória na terra dos exércitos celestes contra as multidões de Satanás, isto é, o domínio de Deus não seria apenas terrestre, mas também espiritual (Vermes, 2015, p. 46).

Outro conceito de reino que surge em Israel não está associado a guerras ou violência, mas a um fenômeno exílico e pós-exílico atestado em Dêutero-Isaías (Is 60, 1-6). Nessa ideia do povo de Israel, os pagãos perceberiam que o Deus de Israel seria o único Deus verdadeiro e salvador e, assim, acorreriam para Jerusalém para lhe render culto e para se submeter ao povo pertencente àquele Deus. Assim, a soberania de Deus se manifestaria também para os gentios (Vermes, 2015, p. 47).

Essas noções de Reino entram no campo das imagens apocalípticas, rabínicas e proféticas de reinado divino. O povo de Israel esperava um reino divino pautado nessas realidades apocalípticas, políticas e espirituais. O cerne da reflexão judaica sobre o reinado divino consistia na soberania de Deus e de seu povo sobre as outras nações.

Porém, ao nos voltarmos aos Evangelhos, notamos que Jesus apresenta uma ideia de reino voltada para uma soberania e uma ação livre do próprio Deus. Para Jesus, a expressão "Reino de Deus", traduzindo do grego "Basileia", está ligada à soberania, domínio e reinado de Deus, isto é, o reino de Deus é o próprio poder de Deus atuando sob forma de juízo e de salvação. Nessa atuação, presente e futuro estão intimamente relacionados, pois Deus é Senhor da História (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 82).

Assim, a pregação de Jesus pode ser entendida da seguinte forma:

Era uma pregação que não se apresentava em forma de alternativa rígida entre "conversão interior" e criação de "nova ordem sociorreligiosa". Essa dupla dimensão era assumida seriamente por Jesus. Ele apontou o Reino como nova ordem, em favor dos pecadores, pobres, famintos, perseguidos. E sua práxis confirmou plenamente sua pregação (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 84).

A soberania de Deus apresentada por Jesus em suas pregações apresentava que Deus queria uma proximidade salvífica com o homem pecador, chamando-o para uma conversão verdadeira e uma ação concreta condizente com o modo de vida de Jesus, caracterizado pelo amor ao próximo, a misericórdia e justiça (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 85).

Portanto, ao tratarmos da ideia de Reino em Jesus, estamos falando de uma soberania salvífica de Deus para a humanidade. O estabelecimento do reino acontece quando a pessoa humana deixa-se ser encontrada por Jesus Cristo, um encontro pessoal. O reino de Deus, para Jesus, é uma realidade próxima ao ser humano, isso se justifica até mesmo em suas parábolas, uma vez que Jesus se utiliza de realidades concretas da vida para apresentar a Imagem do Reino.

Nas palavras de Jesus, vemos que a ideia de Reino não possui tronos, cortesãos, coros celestiais, carros, espadas, mas sim campo, vinhas, semente de mostarda, peixes, redes, crianças. Isto é, as associações de Jesus ao Reino tocam a realidade sensível humana (Vermes, 2015, p. 50).

Assim como o reino possui esse traço de soberania divina, também deve ser observado a partir de uma referência salvífica. Além de revelar a soberania divina, o Reino também manifesta o desejo de Deus de salvar a humanidade:

Essa dimensão salvífica aparece nitidamente quando se consideram os "clientes" do Reino de Deus, tanto implicitamente nos contatos de Jesus com as pessoas, como diretamente em suas palavras. Deus exerce o poder para socorrer e saciar os pobres (cf. Mt 5,3; Mc 10,25) e apresenta entre os beneficiários de sua ação os publicanos e as prostitutas (cf. Mt 21,31b), as crianças e aqueles que se parecem com elas (cf. Mc 10,14), os misteriosos "violentos" de que se fala em Mt 11,12, o escasso rebanho dos discípulos (cf. Lc 12,32), bem como os pagãos ao menos segundo a interpretação mais verossímil de Lc 13,28-29 e paral. Na medida em que sua condição sociorreligiosa cria pequenos e menores, esses se tornam os clientes beneficiários inesperados da ação da graça de Deus (Schlosser, 2022, p. 1255).

Essa dimensão salvífica do Reino, segundo os sinóticos, consiste na promessa de plenitude àqueles que respondem ao chamado à conversão. Para o apóstolo

Paulo, o reino é a herança, isto é, trata-se da recompensa final e o lugar dos eleitos de Deus (Schlosser, 2022, p. 1256). Portanto, ao tratarmos do Reino de Deus, conseqüentemente, tratamos sobre a salvação humana, que identificamos como a vida eterna.

As pregações de Jesus apontam para uma realização plena da existência humana, uma realização escatológica, isto é, está associada àquilo que apresentamos como a ressurreição final (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 105).

No quarto Evangelho, a abordagem sobre a vida eterna é a centralidade do texto de João. Para o evangelista, o Verbo se encarnou para que o ser humano tivesse vida, e quem recebe essa vida precisa nascer novamente (Jo 3,1-21). Porém, esse novo nascimento não acontece de modo carnal, mas brota do amor divino através do batismo. Aqueles que nascem através do batismo possuem a vida eterna (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 106).

Aqui surge a questão temporal dessa temática. A vida eterna se dá no presente e no futuro. O reino pertence ao aqui e ao agora, “tal como a semente plantada no solo, ela já está em vir a ser. Tal como o fermento na massa, ele já está em ação” (Vermes, 2015, p. 50). Assim também afirma a constituição dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*: “Cristo estabeleceu o reino de Deus na terra” (DV, n. 17). Também narra o Evangelho: a vida eterna começa aqui, nessa vida, em nossa realidade concreta (Jo 5,24).

Sua dimensão voltada ao futuro acentua aquilo que pontuamos como recompensa, herança que há de vir aos eleitos.

A continuidade entre Reino presente e Reino por vir está assegurada pelo fato de que o próprio Deus está em ação. É por essa razão e que a realidade escatológica acontece já no - presente e que esse presente assinalado pela irrupção da salvação divina deve desembocar no futuro que representa sua coroação (Schlosser, 2022, p. 1256).

Logo, o Reino de Deus consiste basicamente nessa noção de ação divina na vida humana. A ação de Deus, ou soberania sobre o ser humano, consiste em um puro ato de amor que, através da opção do receptor, se transforma em uma recompensa futura, a ressurreição final para permanecer com Jesus Cristo na eternidade. A vida eterna, para os que nasceram novamente pelo batismo, começa no aqui e no agora, na realidade em que cada pessoa está inserida.

Portanto, essa reflexão sobre o reino de Deus será fundamental para esclarecermos sobre a esperança que cada cristão deposita nessa realidade escatológica. Aquele que adere ao projeto de Jesus espera o reino de Deus, porém suas ações são próprias de quem desfruta do Reino em sua peregrinação nesta vida.

2.3.3 A Esperança do cristão na Vida Eterna

Inicialmente, vale destacar que o cristão espera a vida eterna enquanto um acontecimento futuro; porém, essa espera está centrada na fé que ele possui. Sem a fé, não há esperança. Como destaca o Papa Bento XVI:

O sacerdote perguntava, antes de mais nada, qual era o nome que os pais tinham escolhido para a criança, e prosseguia: «O que é que pedis à Igreja?». Resposta: «A fé». «E o que é que vos dá a fé?». «A vida eterna». Como vemos por este diálogo, os pais pediam para a criança o acesso à fé, a comunhão com os crentes, porque viam na fé a chave para a «vida eterna» [...] Os pais esperam algo mais para o batizando: esperam que a fé – de que faz parte a corporeidade da Igreja e dos seus sacramentos – lhe dê a vida, a vida eterna. Fé é substância da esperança (SS, n. 10).

A fé é um pressuposto necessário para que a virtude da esperança apoie-se na vida eterna prometida por Cristo. O Papa Francisco, na bula do Jubileu de 2025, afirma que “a esperança é a virtude que imprime, por assim dizer, a orientação, indicando a direção e a finalidade da existência que crê” (SnC, n. 18). Portanto, fé e esperança caminham juntas nesse processo de esperar a vida eterna.

Com essa fé, o cristão volta seus olhos para o dia de sua salvação, para que, assim, essa espera pelo momento do encontro com o seu Senhor se torne a razão e o sentido de toda sua peregrinação nessa vida. O cristão espera a realização da plenitude de sua condição filial, que um dia haverá de se concretizar (Mies, 2022, p. 498).

Enquanto, em virtude da esperança na qual fomos salvos, vendo passar o tempo, temos a certeza que a história da humanidade e a de cada um de nós não correm para uma meta sem saída nem para um abismo escuro, mas estão orientadas para o encontro com o Senhor da glória. Por isso vivemos na expectativa do seu regresso e na esperança de vivermos n’Ele para sempre: é com este espírito que fazemos nossa aquela comovente invocação dos primeiros cristãos com que termina a Sagrada Escritura: “Vem, Senhor Jesus!” (SnC, n. 19).

Ao refletirmos sobre a esperança escatológica, nos voltamos especificamente sobre esse olhar e desejo da vida eterna, desejo esse que torna o ser humano capaz de amar, enfrentar suas angústias e tribulações, além de direcionar sua peregrinação para se assemelhar a Jesus Cristo em suas ações nesse mundo e com o seu próximo.

A vida do cristão é um caminhar de esperança em esperança até que alcance a vida eterna, momento em que não precisará mais esperar nem crer, mas apenas continuar amando (1Cor 13,13). Logo, a espera desse momento com o Cristo, que é o grande amor, significa esperar amando, exercendo a caridade. O Cristão espera amando (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 134).

No presente, o cristão funda a sua esperança na realização de um futuro, já que os sinais do Reino de Deus podem ser vistos na história e nos acontecimentos atuais. A *Gaudium Et Spes* afirma:

[...] se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor, ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero (GS, n. 21).

Isto significa que essa esperança na vida futura fortalece a pessoa humana a lutar pela dignidade das pessoas e da realização concreta do Reino no tempo presente. Não se trata apenas de um dado escatológico e futuro, mas de algo palpável para a sociedade. O cristão deve ser uma fiel testemunha de esperança no presente, nos acontecimentos atuais da história (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 134).

Assim como essa esperança está pautada no presente, mais ainda está na realização do futuro, uma vez que as promessas de Deus não são vazias, pois ele já mostrou a sua fidelidade naquilo que prometeu, portanto, essa espera na vida eterna possui um traço presente e futuro (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 134).

Aparece aqui também como elemento distintivo dos cristãos o fato de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma « boa nova », ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só « informativa », mas « performativa ». Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida. A porta tenebrosa do

tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova (SS, n. 2).

Portanto, a vida eterna é fonte de esperança na vida do cristão, faz parte de sua essência esperar pelo encontro definitivo com o seu Criador, ele espera, já que confia que Deus é fiel às suas promessas, por isso, não o abandonará. Aquele que tudo espera em Deus é capaz de lutar para vivenciar o Reino no tempo presente e, assim, esperar pelo dia definitivo do encontro com o Senhor.

É nessa esperança que escreve São Paulo aos Romanos crendo que nada é capaz de nos separar do amor de Cristo (Rm 8,35-39). É nessa esperança que o discípulo de Jesus Cristo tende a confiar sua peregrinação terrena.

Isto posto, partiremos para nossas análises de resultado, visando aproximar essa esperança na vida eterna, diante de uma situação concreta de sofrimento. Diante das tribulações que se apresentam na vida do cristão, é possível que a esperança na vida eterna seja uma fonte geradora de sentido que o auxilie a buscar a vivência do reino aqui e agora?

3 O SIGNIFICATIVO PAPEL DA ESPERANÇA NO REINO DE DEUS EM MEIO ÀS TRIBULAÇÕES HUMANAS

Após transitarmos na busca pelo esclarecimento do sofrimento humano e da esperança cristã, mais especificamente a esperança escatológica, que direciona o olhar da pessoa para o reino de Deus, nos direcionaremos para a aproximação dos dois conceitos, que, por mais antagônicos que sejam possuem uma relação necessária para dar significado às realidades negativas da existência do ser.

Neste capítulo, abordaremos a esperança cristã na vida eterna como um modo de significar os sofrimentos da existência. Nos fundamentaremos nas perspectivas e escritos paulinos, que muito se apropriam da esperança como um modo de superar as tribulações temporais. Além das noções e relações na teologia contemporânea entre esperança escatológica e sofrimento, destacando as razões pelas quais este pode ser compreendido como um lugar de esperança. E por fim, refletiremos sobre porque a esperança escatológica dá sentido à existência em meio às tribulações.

A teologia sacramental também nos auxiliará a evidenciar essa aproximação entre esperança escatológica e sofrimento: de modo específico, o sacramento da unção dos enfermos, que é um claro testemunho de esperança para as tribulações físicas e psicológicas dos fiéis. Além disso, transitaremos também no campo da saúde, que busca encontrar meios de compreender a espiritualidade e religiosidade dos enfermos diante de suas tribulações.

Por fim, destacaremos os aspectos do Ano Jubilar “Peregrinos de Esperança”, que apontam para a necessidade de uma reflexão sobre a esperança escatológica em nossa contemporaneidade. Este caminho nos ajudará a ter uma base sólida para chegarmos à hipótese desta pesquisa, que é: “A espera do reino definitivo garante ao povo de Deus encontrar motivações e resiliência nas tribulações temporais e vigor para alimentar uma esperança que ultrapasse as dificuldades do aqui e do agora”.

3.1 A esperança cristã como uma resposta ao mistério do sofrimento humano

O filósofo Han afirma: “Quem espera age com audácia e não se deixa abalar pelo caráter escarpado e duro da vida” (Han, 2024, p. 15). Se pudéssemos cristianizar essa afirmação de Han, diríamos: “Na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção

através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido” (SD, n. 19). Isto é, os sofrimentos vividos por Cristo foram passados de modo audacioso; Ele sofreu em vista da remissão e, portanto, não se abateu com o seu caráter escarpado.

Os sofrimentos humanos, em Jesus Cristo, ganham um sentido. A pessoa não sofre por prazer ou por simpatia, pois o sofrimento em si não é algo benéfico, mas é algo inevitável. Conforme vimos, ele se manifesta nas condições físicas, psíquicas, sociais ou morais na vida da pessoa.

Todavia, é vivendo o sofrimento com esperança que o ser humano significa sua dor. O Papa João Paulo II complementa essa relação de sofrimento e esperança cristã, dizendo:

No sofrimento está como que contido um particular *apelo à virtude* que o homem por seu turno deve exercitar. É a virtude da perseverança em suportar tudo aquilo que incomoda e faz doer. Ao proceder assim, o homem dá livre curso à *esperança*, que mantém em si a convicção de que o sofrimento não prevalecerá sobre ele, nem o privará da dignidade própria do homem, que anda unida à consciência do sentido da vida (SD, n. 23).

Logo, a virtude da esperança cristã é uma maneira de contemplar o amor de Deus presente e adjunto à vida do sofredor, conforme fora apresentado anteriormente. Em Jesus Cristo, Deus abraça o sofrimento humano, pois se Ele não fosse capaz de sofrer, também não seria capaz de amar (Aguiar, 2019, p. 15).

3.1.1 A esperança cristã nas tribulações: perspectiva paulina

O primeiro cristão a relatar de modo profundo a relação de sofrimento e esperança é o apóstolo Paulo. Certamente, diversas foram as tribulações que ele enfrentou, principalmente em seu ministério apostólico. Segundo Giuseppe Barbaglio, sua missão foi uma verdadeira *via crucis* (Barbaglio, 2017, p. 37). O apóstolo relata:

Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez! (2Cor 11,23-27)

Segundo o Dicionário das Cartas Paulinas (Hafemann, 2008, p. 1180), o tema dos sofrimentos do apóstolo aparece em suas cartas cerca de sessenta vezes, seja com o termo tribulação, sofrimento ou angústia. Para o apóstolo, fazia parte de sua missão os padecimentos e os sofrimentos “pelo nome do Senhor”, pois, seguindo a tradição judaica comum de que todo sofrimento humano fazia parte da morte, Paulo acolhia e aclamava todos os dias que, pelo nome do Senhor, “todos os dias eu morro” (1Cor 15,31).

Além dos sofrimentos das missões, Paulo sofria com as angústias da vida em comunidade. “E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas! Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu também fique febril?” (2Cor 11,28-29). Assim, a missão paulina também era angustiada pela responsabilidade de seu chamado e seu dever junto à comunidade (Hafemann, 2008, p. 1180).

Porém, a marca dos sofrimentos paulinos não possui um significado meramente existencial, mas também teológico – e, certamente, ele compreendeu as dores de sua missão dessa forma. Ele soube perceber que, em sua vida crucificada, se manifestava a expressão de uma participação na cruz de Cristo. Segundo ele, seus sofrimentos eram os sofrimentos de Cristo (Barbaglio, 2017, p. 38). Sendo assim, não se tratava de um prazer pelo sofrimento, pois o apóstolo não era um masoquista.

Assim sendo, os sofrimentos relatados pelo apóstolo tinham como propósito destacar a força de Deus que nele habitava, a saber, “o sofrimento de Paulo servia para deixar claro que o poder e o conhecimento do Evangelho eram de Deus e não dele, de modo que os que encontravam Paulo punham sua fé no poder de Deus” (Hafemann, 2008, p. 1180).

O que podemos destacar e enfatizar nesse caminho de cruz do apóstolo é que, em suas tribulações, os seus olhos se voltavam para “a esperança da glória” (Cl 1, 27). O tema da esperança cristã nos sofrimentos paulinos surge como uma grande resposta e um modo de encarar as suas dores temporais. A esperança é uma das facetas fundamentais na teologia paulina, pois se caracteriza como aquilo que Deus dá aos que foram fiéis às promessas de Cristo. Quanto a isso, podemos dizer:

A esperança em Deus no presente é também esperança na futura intervenção escatológica de Deus que porá fim a toda mágoa terrena. Essa esperança escatológica se expressava como convicção de que toda a história estava nas mãos de Deus e de que Deus cumpriria sua

promessa de estabelecer o trono de Davi para sempre (Everts, 2008, p. 482).

Logo, a esperança, em Paulo possui um caráter escatológico, de que a espera dos cristãos está na glória do seu Deus. A espera do cristão baseia-se no ato escatológico divino de salvação em Cristo Jesus. Desse modo, o direcionamento das comunidades cristãs transitam entre a realidade da vivência comum e ordinária com o dia da manifestação do Reino de Deus na parusia (Everts, 2008, p. 482).

O apóstolo Paulo entende que a esperança dos cristãos é “a realização plena das promessas de Deus a Israel” (Everts, 2008, p. 482). E essa esperança passa, necessariamente, por Israel e pelo caráter de Deus fiel que cumpre suas promessas. Em sua análise de Abraão, no capítulo 4 da Carta aos Romanos, o apóstolo dos gentios delinea esse aspecto da esperança cristã:

Abraão é apresentado como exemplo de alguém que nunca duvidou de que Deus cumpriria suas promessas. A esperança de Abraão baseia-se em um relacionamento pessoal com o Deus no qual ele tem fé. De fato, a única base da esperança de Abraão era a promessa divina. Abraão não tinha bases externas ou históricas para sua esperança; mas essa esperança aumentou quando foi posta à prova por impossibilidades humanas. É isso que significa "esperando contra toda esperança, ele acreditou". A esperança de Abraão aumentou porque ele acreditou no Deus da esperança, embora toda esperança humana tivesse se acabado (Everts, 2008, p. 482).

O Deus que foi fiel às promessas feitas a Abraão e que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos possui uma característica de fidelidade que o torna digno de receber do seu povo a esperança em suas promessas. Sendo assim, os cristãos vivem na esperança da realização definitiva do Reino de Deus: são membros de uma comunidade escatológica, que já começou, mas ainda aguarda sua consumação final (Everts, 2008, p. 482).

Nas cartas paulinas, o objeto da esperança cristã é a manifestação da glória do Salvador, Jesus Cristo (Tt 2,12); a vida eterna (Tt 1,2; 3,7); e a ressurreição dos mortos (1Ts 4,13-18; 1Cor 15). A esperança, na teologia paulina, insiste que os cristãos aguardam ansiosamente o dia glorioso das promessas do Senhor (Everts, 2008, p. 484).

Mas a teologia paulina apresenta, de modo enfático, a esperança diante das *vias crucis* da existência, isto é, a esperança de eternidade do povo de Deus faz com que a pessoa seja capaz de suportar e lutar contra os seus sofrimentos temporais. Em

outras palavras, o sofrimento humano perde sua força quando existe a esperança no coração humano (Everts, 2008, p. 484).

Além disso, na teologia paulina, o Espírito Santo auxilia o cristão a suportar os seus sofrimentos, concedendo-lhe a esperança nas garantias das promessas de Cristo. Sobre isso, podemos dizer:

O sofrimento pelo qual passam os cristãos também faz parte dessa garantia. Os que são co-herdeiros com Cristo precisam sofrer com ele antes de serem glorificados com ele. Mas a glória é tão certa quanto o sofrimento, e o Espírito Santo é garantia de que o sofrimento não é em vão. A atividade do Espírito é prova de que surgiu um novo tempo e de que a consumação do tempo não tardará. O sofrimento característico deste tempo é resultado de ser fiel a Cristo em um mundo que lhe é hostil (Everts, 2008, p. 484).

Outro fator importante é que, no campo existencial, a esperança em que se apoia o apóstolo é a força geradora de sentido para a vida humana, uma vez que a espera pelo dia glorioso do Senhor se torna também uma maneira de significar o sofrimento humano. Segundo Maria Freitas, a esperança paulina soluciona o problema da angústia existencial do ser no tempo e na sua história, transformando, assim, a angústia em sentido (Freitas, 1968, p. 106).

Com base nesses dados, podemos dizer que o sofrimento e a esperança são dois polos centrais da teologia paulina. No entanto, a esperança no dia da manifestação da glória de Deus é uma força motivadora da vivência cristã das tribulações diárias, por essa razão, o apóstolo insiste na “paciência na tribulação” (2Tm 2,24; 2Cor 4,8.16), pois “a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona” (Rm 5,3-5). Na *via crucis* da existência, a espera do reino de Deus é capaz de motivar e dar resiliência ao povo de Deus em sua caminhada de fé.

3.1.2 O sofrimento humano enquanto “lugar” de adquirir esperança na Vida Eterna

Certamente, a teologia do apóstolo Paulo é a principal fonte para esclarecermos nosso objetivo, uma vez que o apóstolo dos gentios transmite sua experiência pessoal, atestando que a esperança na vida futura foi uma força motivadora para suas tribulações. Mas esse ponto não se encerra apenas na teologia

paulina, mas também outros dados certificam nossa hipótese. Segundo a *Lumen Gentium*:

Pensando, pois, que «os sofrimentos desta vida não têm proporção com a glória que se há-de revelar em nós» (Rom. 8,18; cfr. 2 Tim. 2, 11-12), fortalecidos pela fé, aguardamos «a bem-aventurada esperança e a vinda gloriosa do grande Deus e salvador nosso Jesus Cristo», (Tit. 2,13), «o qual transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso, Fil. 3,21» e virá «ser glorificado nos Seus santos e admirado em todos os que acreditaram», (2 Tess. 1,10) (LG, n. 48).

A constituição dogmática conclui a primeira parte do capítulo VII com essa máxima paulina: os sofrimentos do tempo presente não devem ser comparados com a glória futura. Isto recorda que o ser humano tem a necessidade da esperança para viver e suportar as desilusões, crises, angústias e dores da existência que assolam sua vida enquanto peregrino nesta terra.

Com base na afirmação da *Lumen Gentium*, é importante explicitar as razões pelas quais o sofrimento humano é um lugar de adquirir esperança. O Papa Bento XVI vai dizer o seguinte:

Certamente é preciso fazer tudo o possível para diminuir o sofrimento: impedir, na medida do possível, o sofrimento dos inocentes; amenizar as dores; ajudar a superar os sofrimentos psíquicos. Todos estes são deveres tanto da justiça como da caridade, que se inserem nas exigências fundamentais da existência cristã e de cada vida verdadeiramente humana (SS, n. 36).

A afirmação de Bento XVI visa destacar que os sofrimentos humanos não são de caráter benéfico à vida, pois ninguém escolhe sofrer. Diante das tribulações, a pessoa busca “remédios” para aliviar sua dor – é comum e necessário buscar esse alívio –, porém, a sua superação não passa pelo campo de suas possibilidades naturais. Bento XVI diz as razões pelas quais o sofrimento é um condicionamento da existência, isto é, a pessoa não pode evitá-lo:

[...] simplesmente porque não podemos desfazer-nos da nossa finitude e porque nenhum de nós é capaz de eliminar o poder do mal, da culpa que [...] é fonte contínua de sofrimento. Isto só Deus o poderia fazer: só um Deus que pessoalmente entra na história fazendo-Se homem e sofre nela (SS, n. 36).

Se o ser humano não pode evitar o sofrimento, ele pode, contudo, ter a esperança de que seu Deus é capaz de eliminá-lo. Logo, diante das realidades que afligem o ser humano, a esperança surge como o primeiro remédio de alívio.

O Papa Bento XVI acrescenta que nem sempre o ser humano será capaz de fugir de seus padecimentos, pois isso lhe geraria uma espécie de vazio existencial, uma falta de sentido, uma experiência de solidão. Segundo Bento, “não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor” (SS, n. 37).

A união dos sofrimentos humanos com os sofrimentos de Cristo é um caminho para adquirir a esperança, uma vez que, a partir de uma perspectiva existencial, isso significa que o ser humano encontrou sentido de vida diante de sua tribulação. Além disso, o sofrimento é um lugar de adquirir esperança, pois é fonte geradora de compaixão.

Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a *com-paixão*, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana. A sociedade, porém, não pode aceitar os que sofrem e apoiá-los no seu sofrimento, se os próprios indivíduos não são capazes disso mesmo (SS, n. 38).

Na compaixão, o ser humano demonstra sua esperança no amor e no apreço por Cristo. É através da compaixão e da consolação dos aflitos que o cristão demonstra a sua esperança nas promessas do seu Senhor, isto é, no exercício da caridade e do bem comum (SS, n. 38). Isto significa que o exercício da compaixão demonstra “a grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre o qual construímos” (SS, n. 40).

Portanto, o sofrimento é um lugar de adquirir esperança porque ele manifesta o desejo humano de significar à própria dor. O homem que não significa sua dor tende a cair no vazio, em uma espécie de desespero, de angústia existencial. A esperança é fonte geradora de sentido pois ela “dia após dia, nos mantêm a caminho” (SS, n. 31). Na experiência de sentir compaixão, transparecemos nossa capacidade de amar e de demonstrar a esperança que carregamos em nossa construção pessoal.

Dentre as diversas formas de esperança que podem superar e significar o sofrimento humano, destacamos a esperança escatológica como um caminho de superação do sofrimento humano. Uma vez que o cristão espera o dia definitivo da

glória de Deus, ele pode, assim, passar pela sua *via crucis* com esperança no cumprimento das promessas de seu Deus.

Jürgen Moltmann diz o seguinte sobre a esperança escatológica:

O Senhor ressuscitado é sempre o esperado pela Igreja, e esperado pela Igreja para o mundo todo e não para ela somente. Por isso o Cristianismo não vive de si mesmo e para si mesmo, mas do senhorio do Ressuscitado e para o senhorio futuro daquele que venceu a morte e traz vida, justiça e o reino de Deus (Moltmann, 1971, p. 390)

Para Moltmann, a teologia da esperança escatológica é centrada no senhorio do Cristo Ressuscitado, isto é, o vencedor da morte, com sua palavra, guia e orienta, anuncia e envia a Igreja. Sendo assim, a vida da comunidade cristã deve ser orientada pela palavra do seu Senhor, e essa palavra guia para um futuro escatológico capaz de superar a vida e os sofrimentos, as ações e os comportamentos no mundo (Moltmann, 1971, p. 391).

Nessa perspectiva, essa esperança escatológica auxilia o cristão no combate aos sofrimentos pois gera em seu coração a certeza da vitória de Cristo:

Esse Deus se coloca ao nosso lado e conosco combate o mal que nos faz sofrer. E se, por um lado, o sofrimento é nossa condição de seres humanos, por outro lado, o amor de nosso Deus nos salva desse sofrimento, qualquer que seja ele, para nos introduzir no seu Reino. Nesse sentido, podemos dizer que não existe cruz sem ressurreição (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 145).

A esperança escatológica garante ao cristão compreender que o sofrimento do tempo presente não é o destino final da pessoa, mas, sim o cumprimento das promessas definitivas do Criador. No sofrimento humano, a pessoa compreende o papel da esperança em sua superação, isto é, a esperança auxilia na busca de sentido para a vida diante das tribulações temporais (Manzatto; Passos; Villac, 2009, p. 145).

O Papa Francisco, na carta encíclica *Lumen Fidei*, diz o seguinte:

O sofrimento recorda-nos que o serviço da fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar em frente, sabendo que só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros. Neste sentido, a fé está unida à esperança, porque, embora a nossa morada aqui na terra se vá destruindo, há uma habitação eterna que Deus já inaugurou em Cristo, no seu corpo [...] Assim, o dinamismo de fé, esperança e caridade [...] faz-nos abraçar as preocupações de todos os homens, no nosso caminho rumo àquela cidade, « cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus» (*Hb* 11, 10), porque « a esperança não engana » (*Rm* 5, 5) (LF, n. 57).

Portanto, nessa relação entre esperança escatológica e sofrimento humano, observa-se que o padecimento é um lugar de adquirir esperança, uma vez que ali a pessoa pode significar a sua dor. A esperança escatológica direciona o olhar do crente para as promessas futuras de Cristo; ou seja, confiando na palavra proferida pelo Senhor a respeito da realização do Reino de Deus, a pessoa transita nesse mundo encarando o seu sofrimento e tendo o conhecimento de que, em Cristo Jesus, o sofrimento não é vencedor, mas passageiro. E o Cristo de Deus Pai é o primeiro a demonstrar essa esperança salvífica para o povo de Deus. O Papa João Paulo II demonstra isso na sua carta sobre o sentido do sofrimento cristão:

A participação nos sofrimentos de Cristo é, ao mesmo tempo, sofrimento pelo reino de Deus. Aos olhos de Deus justo, frente ao seu juízo, todos os que participam nos sofrimentos de Cristo tornam-se dignos deste reino [...] A Ressurreição revelou esta glória — a glória escatológica — que na Cruz de Cristo era completamente ofuscada pela imensidão do sofrimento. Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo, estão também chamados, mediante os seus próprios sofrimentos, para tomar parte *na glória* (SD, n. 21-22).

Assim sendo, sofrimento e esperança escatológica se relacionam e transmitem ao povo de Deus o desejo da vida eterna, mesmo em meio às tribulações que a existência proporciona.

3.2 Sofrimento e esperança na vida sacramental da Igreja

A vida sacramental da Igreja busca evidenciar que Cristo está presente em cada celebração, seja no batismo, na eucaristia, na reconciliação e nos demais sacramentos (SC, n. 7). Eles possuem uma finalidade que, segundo a *Sacrosanctum Concilium*:

[...] estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, a cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos otimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade (SC, n. 59).

Os sacramentos têm a finalidade de santificar os fiéis, edificar a Igreja e prestar culto a Deus, conferindo-lhes a graça divina. Além disso, são portadores de esperança, pois anunciam e antecipam a plenitude da redenção em Cristo. Neste tópico, buscaremos identificar sinais da esperança escatológica na vida sacramental.

Segundo Rocchetta, os sacramentos são realidades divinas que transcendem a compreensão puramente racional. A razão, no entanto, pode eliminar objeções à sua inteligibilidade no plano metafísico, demonstrando que não são irracionais, mas pertencem ao campo do possível (Rocchetta, 1991, p. 147).

Eles são eventos dos tempos escatológicos, são sinais do cumprimento dos tempos messiânicos e sinais da obra de redenção de Jesus Cristo, eles proclamam que os desígnios de salvação já se realizaram em nossa história e atualizam-se no tempo da Igreja, transmitindo o mistério pascal de Cristo ao povo de Deus. Assim, por meio de sua celebração, observamos as maravilhas da salvação de Cristo e isso enche o povo de esperança (Rocchetta, 1991, p. 150).

Essa visão teológica dos sacramentos se relaciona com a esperança na manifestação escatológica de Cristo, pois eles, de modo geral, apontam para os mistérios de sua redenção. De acordo com Schwambach:

Toda a dimensão da esperança cristã passa a ser articulada como utopia do reino em suas concretizações provisórias na história [...] Por conta do pensar sacramental, a redenção escatológica é vista como realização de potencialidades encontradas na própria natureza ou na própria criação, haja vista que a criação já sempre é concebida como sendo caracterizada pela vocação transcendental e escatológica de Deus (Schwambach, 2008, p. 87).

Isto significa que a esperança cristã, quando se baseia em um pensar escatológico, encontra na vida sacramental da Igreja um sinal e uma manifestação da ação redentora de Cristo. Logo, os sacramentos e a esperança escatológica se entrelaçam, pois ambos apontam para a salvação e a vinda gloriosa do Senhor.

Rocchetta explana essa relação entre a esperança escatológica e a vida sacramental da Igreja. Segundo ele, o nosso mundo é um grande espaço do advento, da espera e da preparação para o futuro e, os sacramentos prefiguram as realidades dos tempos escatológicos (Rocchetta, 1991, p. 165).

Para esclarecer essa relação, observamos que cada sacramento carrega um aspecto escatológico. O batismo prefigura a nova vida em Cristo; a Eucaristia, além de memorial do sacrifício de Cristo, anuncia o banquete eterno; a penitência

representa a purificação definitiva para a glória; e a unção dos enfermos, além de ser um sinal de cura, prepara o fiel para o encontro com Deus. Sendo assim, há uma manifestação escatológica na vida sacramental da Igreja que enche o povo de Deus de esperança na plenitude futura (Rocchetta, 1991, p. 165).

Refletindo sobre a relação entre a vida sacramental e a espera da vida eterna, vemos Bento XVI dizer:

quando nos tornamos cristãos (no dia do nosso batismo): é não somente um ato de socialização no âmbito da comunidade, nem simplesmente de acolhimento na Igreja. Os pais esperam algo mais para o batizando: esperam que a fé – de que faz parte a corporeidade da Igreja e dos seus sacramentos – lhe dê a vida, a vida eterna. Fé é substância da esperança. (SS, n. 10).

Logo, a celebração do batismo gera na vida do batizado e da família o desejo da vida futura, como assim é manifestado nos primeiros diálogos. Além do batismo manifestar o desejo de vida eterna, o sacramento da eucaristia também evidencia essa firme espera do povo de Deus. Na *Sacramentum Caritatis*, o Papa Bento XVI nos ensina que:

A celebração eucarística, na qual anunciamos a morte do Senhor e proclamamos a sua ressurreição enquanto aguardamos a sua vinda gloriosa, é penhor da glória futura, quando mesmo os nossos corpos serão glorificados. Ao celebrarmos o memorial da nossa salvação, reforça-se em nós a esperança da ressurreição da carne juntamente com a possibilidade de encontrarmos de novo, face a face, aqueles que nos precederam com o sinal da fé [...] Sempre que descobrimos de novo a dimensão escatológica presente na Eucaristia, celebrada e adorada, somos apoiados no nosso caminho e confortados na esperança da glória (SCa, n. 32).

Conforme ensina o Papa Bento XVI, a Eucaristia é um prenúncio do grande banquete escatológico. Ao celebrá-la, a Igreja experimenta uma unidade mística, antecipando o dia glorioso do Senhor. Nesse mistério, a Igreja peregrina se une à Igreja triunfante e padecente, preparando-se para o banquete final: as núpcias do Cordeiro (Ap 19,7-9). Dessa forma, a Eucaristia torna-se um sinal concreto da esperança escatológica (SCa, n. 31).

Com esses pontos, procuramos demonstrar, de forma sintética, como a celebração dos sacramentos evidencia a esperança escatológica do povo de Deus. Ao participar destes mistérios, o fiel experimenta um sinal concreto de sua aspiração à vida eterna em Cristo.

O sacramento que deixa evidente a relação entre esperança escatológica e sofrimento humano é a unção dos enfermos. Por esse motivo, dedicaremos especial atenção a ele, pois reafirma o vínculo entre a virtude da esperança e os padecimentos terrenos.

3.2.1 Sofrimento e Esperança: Sacramento da unção dos enfermos

O documento de Aparecida vai nos dizer que: “Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos são portadores de boas novas para a humanidade” (DAp, n. 29). A esperança cristã encontra na presença de Cristo um modo de lidar com as tribulações temporais, conforme discutido anteriormente.

Diante disso, notamos que a vida do enfermo é objeto de cuidado de Jesus Cristo, conforme vemos nos relatos do Evangelho, e também é de interesse da Igreja Católica. Segundo a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*:

A «Extrema-Unção», que também pode, e melhor, ser chamada «Unção dos enfermos», não é sacramento só dos que estão no fim da vida. É já certamente tempo oportuno para a receber quando o fiel começa, por doença ou por velhice, a estar em perigo de morte (SC, n. 73).

Isto é, diante do perigo de morte que a enfermidade ou outra situação proporciona ao fiel, ele é convidado a receber este sacramento como um modo de união com Deus já em suas dores ou angústias. Segundo o sacramentário litúrgico da Igreja Católica, as dores e as enfermidades fazem parte da vida humana e, desde sempre afligem a consciência humana. Contudo, os que professam a fé cristã, mesmo experimentando já nesta vida a sua *via crucis*, são ajudados pela luz da fé a compreender de modo profundo o mistério da dor e a suportá-lo com mais coragem (CNBB, 2003, p. 99).

Certamente, a enfermidade é o modo mais comum de sofrimento na vida humana, seja de ordem física ou psíquica. Na enfermidade, a pessoa sente as dores e angústias da vida, além de que, em muitos casos, existe a dor do abandono que acompanha o enfermo.

A doença não está relacionada ao mal praticado, conforme já vimos na primeira seção desta pesquisa, mas é uma consequência natural da vida, todos adoecem,

porém também a doença pode ter um sentido espiritual ligado à nossa redenção. Nas palavras de Rocchetta:

Se Cristo veio ao mundo como "médico" dos pecadores (Mc 2,17), para tirar-lhes a enfermidade (Mt 8,17), tomando-a sobre si e morrendo por nós na cruz, foi para conferir-lhe novo significado. Não que Cristo suprima a doença, como não suprimiu a morte. Mas, juntamente com a morte, também a doença foi vencida no plano escatológico, e não tem mais poderes sobre o homem, visto que foram definitivamente derrotados o pecado e satanás, que eram a sua causa. Assim, a doença perdeu o seu caráter de maldição: foi redimida e torna-se redentora para cada homem, se vivida junto com Cristo morto e ressuscitado. É por esse motivo que Paulo acentua como as doenças podem unir o homem aos sofrimentos de Cristo (2Cor 4,10), completando o que "falta" à sua paixão para o seu corpo, que é a Igreja (Cl 1,24). Em Cristo, a doença tornou-se caminho de redenção e santificação (Rocchetta, 1991, p. 366).

É com este caráter que o sacramento da unção dos enfermos ganha sua importância, pois Jesus ordena aos seus discípulos que curem os doentes ungiendo-os com o óleo (Mc 6,13), ou seja, há uma clara preocupação de Jesus Cristo com os que sofrem as enfermidades corporais. Nesse contexto, o sacramento da unção dos enfermos surge como um modo de responder a esta ordem de Jesus.

Segundo o Sacramentário litúrgico da Igreja Católica, este sacramento visa amparar o enfermo com a força do Espírito Santo e para o bem de todo o homem, reanimando-o pela confiança em Deus e fortalecendo-o contra as aflições da morte e da doença (CNBB, 2003, p. 100).

Sendo assim, podemos acrescentar também que o sacramento da unção dos enfermos é um lugar de esperança para os doentes e as suas famílias. A sua pretensão é restituir a saúde do corpo e da alma ao doente, fazendo com que ele se anime para o combate, além do conforto espiritual que concede ao fiel a graça da reconciliação, com o sacramento da penitência (Rocchetta, 1991, p. 370).

A Igreja busca com este sacramento ser um sinal visível de esperança na vida do cristão, fazendo com que ele compreenda a força de Deus agindo em sua história.

"O vinho da esperança" é o específico contributo da fé cristã no cuidado do doente e faz referência ao modo com que Deus vence o mal no mundo. No sofrimento, homem deve poder experimentar uma solidariedade e um amor que assumem a dor, oferecendo um sentido à vida, que se estende para além da morte (SB, 2020, p. 44).

Na condição das enfermidades dos fiéis, cabe a Igreja ser uma testemunha de esperança na vida do seu povo, levando-o à espera da ação salvífica de Cristo na

condição corporal do que sofre, isso fará com que o fiel compreenda que Deus não o abandonou, mas que permanece com ele em sua condição:

A esperança que Cristo transmite ao sofredor e ao doente é aquela da sua presença, da sua real proximidade [...] a experiência viva do Cristo sofredor significa doar aos homens de hoje uma esperança capaz de dar sentido ao tempo da doença e da morte (SB, 2020, p. 22).

A esperança escatológica se une à experiência sacramental da unção dos enfermos quando olhamos para o perigo de morte que a doença proporciona.

O momento da morte é um passo decisivo do homem no seu encontro com Deus Salvador. A Igreja é chamada a acompanhar espiritualmente os fiéis nesta situação, oferecendo-lhes os “recursos sanantes” da oração e dos sacramentos. Ajudar o cristão a viver tal momento em um contexto de acompanhamento espiritual é um ato supremo de caridade. Dado que «nenhuma pessoa de fé deveria morrer na solidão e no abandono», é necessário criar em torno ao doente uma sólida plataforma de relações humanas e humanizantes que o acompanhem e o abram à esperança (SB, 2020, p. 57).

O perigo de morte faz com que o fiel enfermo, assistido pelos sacramentos da penitência e da unção, culminando na Eucaristia com o “Viático”, olhe para a vida eterna como uma realidade próxima a ele. Desse modo, seu olhar passa a se direcionar para a casa do Pai (Jo 14,6), e certamente este olhar e este conforto sacramental fazem com que o cristão não caia no desespero diante do fim de sua vida, sustentando-se na esperança da vida eterna (SB, 2020, p. 58).

Portanto, cabe ao povo de Deus testemunhar essa esperança, principalmente aos que se encontram nessas fases críticas da vida, pois, certamente, a esperança é um remédio para o desespero diante dos sofrimentos causados pelas doenças.

Esta é a esperança anunciada pelo testemunho cristão, o qual para ser eficaz deve ser vivido na fé, envolvendo a todos, familiares, enfermeiros, médicos e a pastoral das dioceses e dos centros hospitalares católicos, chamados a viver com fidelidade o *dever do acompanhamento dos doentes* em todas as fases da doença, em particular nas fases críticas e terminais da vida (SB, 2020, p. 65-66).

Ainda neste contexto das enfermidades humanas, vale a pena destacar alguns pontos que demonstram o significativo papel da religião no processo das enfermidades. Com o avanço tecnológico e científico, nota-se que o papel da crença religiosa durante as enfermidades tem produzido efeitos positivos na vida dos

pacientes que creem. Na seção quaternária deste capítulo, traremos alguns aspectos dessa relação que pode ser compreendida como geradora de esperança.

3.2.1.1 *A vivência das enfermidades com esperança a partir do coping religioso espiritual*

Pesquisas na área da saúde indicam que a experiência religiosa pode complementar a ciência no tratamento de doenças. Desde 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a dimensão espiritual como parte deste processo (Gobatto; Araújo, 2010, p. 53).

Uma proposta do campo científico para encontrar vias positivas no tratamento do enfermo é o chamado *Coping* religioso/espiritual positivo.

O *Coping* religioso/espiritual (CRE) é o processo pelo qual o indivíduo, por meio de sua espiritualidade, crença ou comportamento religioso tenta entender e/ou lidar com importantes desafios pessoais ou situacionais em sua vida. Os pressupostos são: existência de uma experiência estressante; avaliação que a pessoa faz da situação – ameaça, dano ou desafio; recursos disponíveis para lidar com o estresse e responsabilidade ao lidar com determinada experiência. Além disso, diversos estudos mencionam que há indícios consistentes de associação entre a qualidade de vida e a religiosidade e espiritualidade (Vitorino; Vianna, 2012, p. 137).

O *coping* pretende auxiliar o tratamento do enfermo com base em sua experiência religiosa e em sua espiritualidade particular. A fé que a pessoa deposita em seu Deus é capaz de gerar uma vitalidade e uma resiliência no seu tratamento. Isto é, a enfermidade vivida com espiritualidade é capaz de gerar esperança, tanto para o doente como para os familiares (Mako; Galek; Poppito, 2006, p. 1006).

Estudos demonstram que o *coping* religioso/espiritual positivo favorece o tratamento. Dados indicam que a espiritualidade melhora a qualidade de vida do enfermo, principalmente diante de doenças graves; a fé capacita a pessoa a aproveitar a vida, mesmo com os sintomas da doença; a crença religiosa é uma fonte de equilíbrio e fortalecimento; a fé promove serenidade para o enfermo; a espiritualidade favorece na luta pela vida (Mako; Galek; Poppito, 2006, p. 1008).

Esse tema desperta crescente interesse na área da saúde, justamente por observar que os benefícios da fé e da espiritualidade durante o tratamento de uma

doença favorecem a qualidade de vida e a capacidade de resiliência da pessoa que sofre com alguma doença física ou psíquica (Gobatto; Araújo, 2010, p. 56).

Certamente, o *coping* religioso/espiritual positivo favorece no enfrentamento das doenças, mas vale destacar os resultados na vida dos idosos, que, em sua condição física, apresentam maior número de debilidades. Segundo uma pesquisa realizada com 148 idosos de Minas Gerais, Vitorino e Vianna concluíram que:

Os idosos que se confrontavam continuamente com questões religiosas/espirituais, estavam particularmente com a saúde em risco em função do uso de CREN e em decorrência desenvolver depressão entre outros agravos. Para os idosos, a fé colaborava seja na cura, seja no controle das doenças crônicas e/ou na melhora da capacidade funcional nas atividades da vida diária [...] Estudos dessa natureza possuem forte implicação na prática do profissional da área da saúde e sugerem a capacitação dos envolvidos com os idosos institucionalizados, para que possam desenvolver o entendimento e a escuta dos conflitos de natureza espiritual e religiosa, (Vitorino; Vianna, 2012, p. 142).

Ou seja, a experiência religiosa na vida de boa parte dos idosos deu sentido às suas experiências de sofrimento que sua idade lhe proporcionou. Porém, não são todos os casos que o *coping* religioso/espiritual favorece no tratamento. Existem casos em que o *coping* é negativo, uma vez que, por conta da experiência de fé daquela pessoa, ela opta livremente em abandonar um tratamento. Casos com essas características são considerados negativos no processo de tratamento (Vitorino; Vianna, 2012, p. 142).

O que buscamos evidenciar com essa aproximação da espiritualidade e religião no processo de enfrentamento das doenças é que a fé de uma pessoa pode interferir positivamente no combate de uma doença. Hoje se observa técnicas no campo científico que apontam as crenças religiosas como meios de dar sentido e resiliência aos sofrimentos físicos e psíquicos das pessoas que sofrem.

Ao inserir o sacramento da unção dos enfermos nestas pesquisas, observamos como o sacramento age de modo positivo, uma vez que, por meio dele, a pessoa adquire esperança no seu enfrentamento da doença. Segundo um artigo especializado neste assunto, notamos:

Algumas vezes os doentes e familiares solicitam a intervenção religiosa, como por exemplo os sacramentos da reconciliação, unção dos doentes e da comunhão, e, outras vezes, até uma simples bênção ou imposição das mãos, que para eles é um sinal de fé e de

esperança, que dá muito sentido, conforto e um bem-estar interior, expressado na paz espiritual (Mendes, 2010, p. 59).

Segundo este dado, notou-se que em alguns pacientes, os sacramentos e a bênção de um ministro é fundamental para o cuidado espiritual do enfermo. Isto é, o sacramento garantiu um conforto na hora da angústia dos familiares e uma serenidade para o enfermo lidar com sua doença (Mendes, 2010, p. 58).

Assim, notamos que o cuidado espiritual do enfermo é essencial para garantir a confiança e a esperança em seu Deus na vida, seja a esperança para o moribundo ou para os familiares, preparando o doente para a luta com sua doença ou auxiliando-os na aceitação da morte, como acontecesse nos quadros irreversíveis de enfermidades (SB, 2020, p. 44).

Com a apresentação destes dados, procuramos evidenciar que, no campo científico, existe uma convicção de que a fé auxilia o enfermo a transitar pela doença com esperança em algo e, segundo a fé cristã, a esperança pode ser em uma cura de sua doença ou até mesmo na espera do encontro com seu Criador, fazendo que, assim, aquele sofrimento tenha um sentido, que é a espera da vida eterna. A Carta *Samaritanus Bonus* sintetiza essa ideia, dizendo:

A esperança não é só uma espera por um futuro melhor, mas é um olhar ao presente, que o torna cheio de significado. Na fé cristã, o evento da Ressurreição não somente desvela a vida eterna, mas manifesta que *na* história a palavra última não é jamais a morte, a dor, a traição, o mal. Cristo ressurgue *na* história, e no mistério da Ressurreição se confirma o amor do Pai que nunca abandona. Reler, então, a experiência viva do Cristo sofredor significa doar aos homens de hoje uma esperança capaz de dar sentido ao tempo da doença e da morte. Esta esperança é o amor que resiste à tentação do desespero (SB, 2020, p. 21-22).

Portanto, o *coping* religioso positivo tem sido reconhecido no campo científico como um recurso que pode beneficiar pacientes em tratamentos, proporcionando resiliência e esperança. E a esperança cristã é essencial neste processo, uma vez que ela gera na vida do enfermo uma motivação e resiliência capaz de gerar, durante aquela doença, uma expectativa de cura, além de dar efeitos positivos na vida dos familiares, que anseiam pela recuperação de seu ente querido. Em casos de doenças terminais, nas quais a pessoa se vê diante de sua partida, a esperança passa para o campo escatológico, uma vez que a pessoa espera o encontro definitivo com o seu Criador.

3.3 Peregrinos de Esperança: Sofrimento e esperança no ano Jubilar

Neste trecho conclusivo de nossa pesquisa, buscaremos elencar alguns aspectos do ano Jubilar “Peregrinos de Esperança” que dialogam com nossa pesquisa. Uma vez que o ano santo trata de modo muito enfático sobre a virtude da esperança, entendemos que também neste trabalho é fundamental a relação do ano Jubilar com o nosso estudo.

“A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Com essa afirmação de São Paulo, o Papa Francisco direciona a centralidade do ano santo da Igreja, que a cada 25 anos celebra um Jubileu em decorrência da Encarnação do Verbo Divino.

Segundo Ferreira, o lema deste ano santo de 2025 “Peregrinos de Esperança”, nos recorda a nossa transitoriedade neste mundo, para que, com isso, nos lembremos que devemos caminhar direcionando-nos ao transcendente, sem, contudo, abandonar o aqui e o agora. De igual maneira, a esperança cristã carrega o papel de criar um desejo no povo de Deus das realidades futuras, fazendo com que peregrinemos em direção a uma esperança final: O Pai Celeste (Ferreira, 2024, p. 51).

Na bula de proclamação do Jubileu, vemos a perspectiva da vida eterna como um dos destaques do Papa. Ele vai nos dizer: “«Creio na *vida eterna*»: assim professa a nossa fé, e a esperança cristã encontra nestas palavras um ponto fundamental de apoio. De fato, «é a virtude teologal pela qual desejamos (...) a vida eterna como nossa felicidade»” (SnC, n. 19).

Com a proclamação do ano santo, como um ano voltado para a esperança, vemos que o Papa Francisco reitera que o povo de Deus deve almejar a vida eterna, assim como já destacamos nesta pesquisa. Portanto, o vislumbrar daqueles que creem passa pela realidade escatológica, os cristãos devem esperar a vida futura que há de vir. O Papa Francisco prossegue, dizendo:

Enquanto, em virtude da esperança na qual fomos salvos, vendo passar o tempo, temos a certeza que a história da humanidade e a de cada um de nós não correm para uma meta sem saída nem para um abismo escuro, mas estão orientadas para o encontro com o Senhor da glória. Por isso vivemos na expectativa do seu regresso e na esperança de vivermos n’Ele para sempre: é com este espírito que fazemos nossa aquela comovente invocação dos primeiros cristãos com que termina a Sagrada Escritura: «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20) (SnC, n. 19).

Neste trecho da bula, notamos que o Papa enfatiza que a Igreja não corre para uma meta sem saída, em direção de um escuro, um nada, um vazio. Essa afirmação ressalta o papel da esperança das comunidades cristãs nos tempos finais. Isto é, a espera da vida eterna “deve ajudar, a Igreja a seguir um modelo de ação e trabalho ainda mais autêntico e fiel ao projeto daquele a quem ele é chamado a ser sinal: Cristo e seu Reino” (Ferreira, 2024, p. 145).

A bula também aponta para a esperança cristã diante das realidades dos sofrimentos humanos. Segundo Moraes e Welter, o agir cristão é marcado por “alegrias e esperanças” (GS, n. 1), o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades da vida e, assim, a esperança pode dar lugar ao desespero. A tribulação e os sofrimentos são condições típicas de todos os que anunciam o Evangelho, principalmente em contextos de incompreensões e perseguições, mas nesta realidade adversa, a esperança é um modo de lidar com tal problemática (Moraes; Welter, 2024, p. 10). O Papa Francisco diz, referindo-se às tribulações paulinas:

a tribulação e o sofrimento são as condições típicas de todos aqueles que anunciam o Evangelho em contextos de incompreensão e perseguição (cf. 2 Cor 6, 3-10). Mas em tais situações, através da escuridão, vislumbra-se uma luz: descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo. Isto faz crescer uma virtude, que é parente próxima da esperança: a *paciência*. (SnC, n. 4).

Para o Papa, a virtude da paciência é um modo pelo qual o cristão pode superar às tribulações da vida. Paciência e esperança caminham juntas, pois a paciência ensina o batizado a compreender que a vida é um caminho marcado por momentos decisivos, que, por sua vez, fortalecem a esperança, que se torna uma insubstituível companheira da pessoa e o faz olhar a sua meta final: o encontro definitivo com o Senhor (SnC, n. 5).

Dentre as pessoas que sofrem, o Jubileu olha a situação e aflição dos pobres. Segundo o Papa Francisco, “são quase sempre vítimas, não os culpados” (SnC, n. 15). De acordo com Moraes e Welter, observamos que “para o Papa Francisco, a pessoa humana, sobretudo a pobre, não sofre a cruz como alguém vencida pelo mal, derrotada pelo absurdo. Uma esperança final ilumina a experiência dolorosa” (Moraes; Welter, 2024, p. 10).

Diante do sofrimento causado pela pobreza, o papa faz um apelo à sociedade, para que, juntos, construamos uma esperança capaz de olhar as necessidades do irmão, vivendo de acordo com um caminho de solidariedade (Ferreira, 2024, p. 129).

o Jubileu lembra que os *bens da terra* se destinam a todos, e não a poucos privilegiados. É preciso que seja generoso quem possui riquezas, reconhecendo o rosto dos irmãos em necessidade. Penso de modo particular naqueles que carecem de água e alimentação: a fome é uma chaga escandalosa no corpo da nossa humanidade, e convida todos a um rebate de consciência (SnC, n. 16).

Ancorado na esperança e na justiça, o Papa faz um forte apelo aos detentores de riquezas. Ele pede que os mais ricos e donos de posses e recursos sejam capazes de reconhecer o sofrimento real e presente no mundo e, assim, atuar para sanar a fome dos mais necessitados (Ferreira, 2024, p. 130). Segundo Moraes e Welter, podemos pensar que: “ancorados na esperança, temos necessidade de uma nova relação com a riqueza que seja capaz de fazer acontecer o reinado de Deus já aqui e agora” (Moraes; Welter, 2024, p. 11).

Com este ano santo, o Papa Francisco enfatiza a ideia de que, como “peregrinos de esperança”, somos pessoas que devem testemunhar durante nossa peregrinação terrena a esperança que perpassa o aqui e o agora. Isto é, enquanto comunidades eclesiais, devemos olhar e almejar a vida eterna, porém, este anseio não deve interromper o desejo por uma justiça diante dos sofrimentos do povo.

Estes sofrimentos do tempo presente devem ser vividos com esperança, tanto o sofrimento pessoal como o sofrimento do próximo. Existe uma necessidade de amparar os sofrimentos alheios, assim como o bom samaritano do Evangelho (Lc 10, 25-37), e, a partir dessa atitude, nos tornamos testemunhas de uma esperança para além dessa peregrinação terrestre, tornamo-nos testemunhas de uma esperança na eternidade, na vida eterna, no reino de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos, desde o início desta pesquisa, sua relevância diante das inquietações do povo de Deus quanto ao sentido de seus sofrimentos, tanto pessoais quanto comunitários. Reconhecemos na virtude da esperança cristã um caminho de resposta para essa questão. Por meio da esperança na vida eterna, o cristão encontra força para enfrentar suas tribulações.

Assim, o presente trabalho teve por objetivo investigar como a virtude da esperança cristã, especificamente no reino definitivo, auxilia o ser humano em seus processos de sofrimentos e tribulações temporais, seja na missão ou na vida particular.

Consideramos que nosso objetivo foi alcançado e nossa hipótese confirmada, pois a pesquisa demonstrou que a esperança cristã permite enfrentar as tribulações da vida com resiliência e propósito. Por meio dessa virtude, que espera a vida eterna e o dia glorioso do Senhor, o cristão é capaz de viver suas angústias com audácia, sabendo que, em Jesus Cristo, as tribulações são passageiras e não perdurarão para sempre.

Esse entendimento tornou-se evidente ao longo da pesquisa. Na primeira seção, analisamos a realidade do sofrimento e seus propósitos dentro do campo teológico, além de identificar os contextos nos quais o sofrimento se faz presente. A segunda seção abordou a virtude da esperança e seu papel na escatologia, demonstrando como por meio da espera pela vida eterna o cristão dá sentido à sua existência e à sua peregrinação terrena. Por fim, na terceira seção evidenciamos a ideia central de nossa pesquisa, de que os sofrimentos da vida e das missões do povo de Deus ganham um “para quê” através da espera pela vida eterna, isto é, conforme o cristão espera a vida eterna, ele se torna capaz de viver qualquer situação, até mesmo as dores e angústias do tempo presente.

Ao longo da pesquisa, foram identificadas algumas limitações. Uma delas foi a presença de inúmeras obras relevantes em outros idiomas. Como não foi possível traduzir esses textos, a pesquisa ficou restrita a materiais acessíveis em nosso idioma, o que limitou um aprofundamento mais robusto na relação entre esperança escatológica e sofrimento humano. Outra limitação diz respeito à falta de síntese em alguns trechos, nos quais certos temas foram explorados com profundidade, sem

impactar diretamente a análise dos resultados finais. Embora tenham sido pertinentes, sua ausência não comprometeria as conclusões obtidas.

Dada a pertinência, amplitude e complexidade do tema, esperamos que nosso trabalho desperte maior interesse pelo assunto. Ensejamos oportunas recomendações para futuras pesquisas, com um aprofundamento nas problemáticas do sofrimento humano a partir de um itinerário cristão, e como a esperança tende a capacitar a pessoa no processo de enfrentamento. Além disso, os resultados desta pesquisa podem ser aplicados na orientação pastoral e espiritual dos fiéis, pois todos enfrentam tribulações, seja no ministério ou na vida pessoal. No entanto, mesmo em meio às angústias, são chamados a encontrar sentido na esperança do encontro glorioso com o Senhor.

Sem a esperança, a caminhada cristã perde seu sentido e torna-se vazia. Sem a esperança, a vida de fé se torna como a caminhada dos discípulos de Emaús (Lc 24,13), isto é, discípulos que perderam a projeção e o sentido das promessas de Cristo em suas vidas e também na vida de sua comunidade.

REFERÊNCIAS

- ACN. **Moçambique em crise: ataques a comunidades e Igrejas**. 2024. Disponível em: [Moçambique em crise: ataques a comunidades e igrejas - Fundação Pontifícia ACN](#). Acesso em: 15 Set. 2024.
- AGUIAR, Eugênio Pacelli Correia. **Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano: Uma leitura de O Deus Crucificado de Jürgen Moltmann**. Recife – PE: Paulinas, 2019.
- ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. **O Sofrimento Humano na perspectiva do livro de Jó**. Kairós: Revista Acadêmica da Prainha Ano VIII/1, Jan/Jun, 2011. p. 9-16.
- BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo I**. São Paulo: Loyola, 2017.
- BENTO XVI. **Carta encíclica Spe Salvi**. 2007. Disponível em: [Spe salvi \(30 de novembro de 2007\) | Bento XVI](#). Acesso em: 10 Nov. 2024.
- BENTO XVI. **Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis**. 2007. Disponível em: [Sacramentum Caritatis: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja \(22 de fevereiro de 2007\) | Bento XVI](#). Acesso em: 21 Mar. 2025.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2020.
- BLANK, Renold J. **Nosso mundo tem futuro: Escatologia cristã**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- BOFF, Lina. **A Esperança como teologia da história (II) na V Conferência Episcopal de Aparecida**. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil: Atualidade Teológica Ano XVI nº 42, Set/ Dez, 2012. p. 441-469.
- BOFF, Lina. **A Esperança como Teologia da História Relendo as nossas Conferências Episcopais**. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil: Atualidade Teológica Ano XIV nº 35, Mai/Ago, 2010. p. 133-153.
- BRUGGER, Walter. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: EPU, 1977.
- CNBB. **Sacramentário: Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizado e publicado pela CNBB**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium***. 1963. Disponível em: [Sacrosanctum Concilium](#). Acesso em: 6 Mar. 2025.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei Verbum***. 1965. Disponível em: [Dei verbum](#). Acesso em: 14 Nov. 2024.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium***. 1964. Disponível em: [Lumen gentium \(vatican.va\)](#). Acesso em: 12 Set. 2024.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***. 1965. Disponível em: [Gaudium et spes](#). Acesso em: 12 Nov. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Samaritanus Bonus: Carta sobre o cuidado das pessoas nas fases críticas e terminais da vida***. Brasília – DF: Edições CNBB, 2020.

CONTE, Fátima Cristina de Souza. **Reflexões sobre o sofrimento humano e a análise clínica comportamental**. Temas em Psicologia, Vol. 18, no 2, 2010. p. 385–398.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração *Dignitas Infinita: sobre a dignidade humana***. 2024 Disponível em: [Declaração <i>Dignitas infinita</i> sobre a dignidade humana \(2 de abril de 2024\) \(vatican.va\)](#). Acesso em: 14 Set. 2024.

EVERTS, J. M. *Esperança*. In: HAWTHORNE, Gerald. F.; MARTINS, Ralph. P.; REID, Daniel G (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008. p. 481-484.

FERRARO, Benedito. **Cristologia**. 3. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2004.

FERREIRA, Reuberson. *O Ano Jubilar, o Papa Francisco e a Igreja: testemunhar a esperança!* In: FERREIRA, Reuberson; NASCIMENTO, Abimael F. de; SILVA, Jerônimo P; SOUZA, Ney de (Org.). **Ano Jubilar “Peregrinos de esperança”: uma visão espiritual, histórica, bíblica, pastoral e litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2024. p. 111-147.

FRANCISCO. **Angelus 1 de janeiro**. 2024a. Disponível em: [Angelus, 1º de janeiro de 2024, Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 12 Set. 2024.

FRANCISCO. **Angelus 19 de fevereiro**. 2024b. Disponível em: [Angelus, 19 de fevereiro de 2023 | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 12 Set. 2024.

FRANCISCO. **Bula de proclamação do Jubileu *Spes non confundit***. 2024. Disponível em: [Spes non confundit - Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025 \(9 de maio de 2024\) | Francisco](#). Acesso em: 12 Nov. 2024.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. 2020. Disponível em: [Fratelli tutti \(3 de outubro de 2020\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 17 Set. 2024.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'***. 2015. Disponível em: [Laudato si' \(24 de maio de 2015\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 17 Set. 2024.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Lumen Fidei***. 2013. Disponível em: [Carta Encíclica Lumen fidei \(29 de junho de 2013\) | Francisco](#). Acesso em: 10 Mar. 2025.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate***. 2018. Disponível em: ["Gaudete et exsultate": Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual \(19 de março de 2018\) | Francisco](#). Acesso em: 16 Set. 2024.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Laudate Deum***. 2023. Disponível em: ["Laudate Deum": Exortação Apostólica a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática \(4 de outubro de 2023\) | Francisco](#). Acesso em: 17 Set. 2024.

FRANCISCO. **Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da casa Santa Marta: Duas perseguições**. 2016. Disponível em: [Duas perseguições \(12 de abril de 2016\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 16 Set. 2024.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2020.

FREITAS, Maria Carmelita de. **Dialética e dinamismo da esperança cristã**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1968.

GERSTENBERGER, Erhard; SCHRAGE, Wolfgang. **Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica**. 2. ed. São Leopoldo – RS: Editora Sinodal, 1987.

GOBATTO, Caroline Amado; ARAÚJO, Tereza Cristina C. F. **Coping religioso-espiritual: reflexões e perspectivas para a atuação do psicólogo em oncologia**.

Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar v. 13 n. 1, Rio de Janeiro, Jun. 2010, p. 52-63.

HAFEMANN, S. J. *Sofrimento*. In: HAWTHORNE, Gerald. F.; MARTINS, Ralph. P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008 . p. 1180-1183.

HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança: contra a sociedade do medo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2024.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Conclusões de Medellín: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Puebla de Los Angeles**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica *Salvifici Doloris***. 1984. Disponível em: [Salvifici Doloris \(11 de fevereiro de 1984\) | João Paulo II](#). Acesso em: 10 Set. 2024.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***. 1987. Disponível em: [Sollicitudo Rei Socialis \(30 de dezembro de 1987\) | João Paulo II \(vatican.va\)](#). Acesso em: 15 Set. 2024.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II na solene sessão de abertura Da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 1979. Disponível em: [Viagem Apostólica ao México: Na abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla - México \(28 de janeiro de 1979\) | João Paulo II](#). Acesso em: 14 Mar. de 2025.

JUNIOR, Francisco de Aquino. Conversão ecológica: “conversão da conversão”. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva. **Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si***. São Paulo: Paulinas, 2016. pp 24-39.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2014.

LÄNGLE, Alfried. **Viver com sentido: análise existencial aplicada**. Petrópolis – RJ: Vozes; Editora Sinodal, 1992.

LEPARGNEUR, Hubert. **Antropologia do sofrimento**. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1985.

LOPES, Geraldo. **Gaudium Et Spes: Texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2011a.

LOPES, Geraldo. **Lumen Gentium: Texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2011b.

LUZ, Ulrich. **El evangelio según mateo: Mt 26-28 (Vol. IV)**. Salamanca – ESP: Ediciones Sígueme, 2005.

MAKO, Caterina; GALEK, Kathleen; POPPITO, Sharron R. **Dor espiritual entre pacientes com câncer avançado em cuidados paliativos**. *J Palliat Med*. Outubro, 2006. p. 1106-1113.

MANZATTO, Antonio. *Esperança*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 357-360.

MANZATTO, Antonio; PASSOS, João Décio; VILLAC, Sylvia. **De Esperança em esperança: escatologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

MENDES, Alberto Paulo Madureira. **Diagnóstico espiritual e respectiva intervenção no doente e na prática**. *Cadernos de Saúde/ Vol. 4 N.º 1*, 2011. p. 53-62.

MIES, Françoise. *Esperança*. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (Org.). **Dicionário de temas teológicos da bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, Paulinas, 2022. p. 493-499.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Santo André – SP: Academia Cristã, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**. São Paulo: Editora Herder, 1971.

MORAES; Abimar Oliveira de; WELTER, Fabio Augusto. **Influxos da escatologia latino-americana na *Spes non confundit* do Papa Francisco**. PqTeo, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, jul./dez, 2024. p. 01-13.

OLIVEIRA, Clara Costa. **Para compreender o sofrimento humano**. Artigos de atualização – Rev. Bioét. 24 (2) – Mai-Ago, 2016. p. 225-234.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.

PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de logoterapia e análise existencial: Filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl**. São Leopoldo – RS: Editora Sinodal, 2021.

ROCCHETTA, Carlo. **Os sacramentos da fé: Ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como “maravilhas da salvação” no tempo da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHLOSSER, Jacques. *Reino de Deus*: In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (Org.). **Dicionário de temas teológicos da bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, Paulinas, 2022. p. 1252-1258.

SCHWAMBACH, Claus. **Esperança no horizonte do pensar sacramental. Uma abordagem da escatologia de Leonardo Boff em perspectiva protestante**. Estudos Teológicos, ano 48, n. 2, 2008. p. 74-119.

SILVA, Marcos da Silva e. **O sofrimento (*pathos*) enquanto condição para a existência: Uma leitura em Kierkegaard**. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia. V.3, n.1. jun, 2011. p. 94-108.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VITORINO, Luciano Magalhães; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. **Coping religioso/espiritual de idosos institucionalizados**. *Acta Paul Enferm*, 2012. p. 136-142.